

**Sociedade Cultural e Religiosa
Ilê Axé Tobi Obatalá**

AXÉ OLORIGINBIN

**História, organização e memórias
de uma comunidade de axé**

**Sociedade Cultural e Religiosa
Ilê Àṣe Tobi Obatalá**

AXÉ OLORIGIN
**História, organização e memórias
de uma comunidade de terreiro**

Ituiutaba, MG

2024



© Sociedade Cultural e Religiosa Ilê Àse Tobi Obatalá, 2024.
Autores e autoras do texto: Anderson Pereira Portuguese, Colignon Junio Freitas Portuguese, Douglas Ronaldo Silva, Natália Caroline Silva Nery.
Editor: Mical de Melo Marcelino.
Editoração: Equipe Barlavento de marketing e editoração.
Arte da capa: Anderson Pereira Portuguese

Contatos:

Editora Barlavento

CNPJ: 19614993000110. Prefixo editorial: 87563

Departamento editorial da Sociedade Cultural e Religiosa Ilê Àse Babá Olorigin.

Rua das Orquídeas, 399, Residencial Cidade Jardim, CEP 38.307-854, Ituiutaba, MG.

barlavento.editora@gmail.com

Conselho Editorial – Coleção Religião:

Todas as obras da Editora Barlavento são submetidas a pelo menos dois avaliadores do Conselho Editorial.

Editora-chefe: Mical de Melo Marcelino

Pareceristas brasileiros

Dr. Rosselvelt José Santos

Dr. Ricardo Lanzarini

Dr. Carlos Alberto Póvoa

Profa. Alessandro Gomes

Enoque

Prof. Dr. Moisés Abdon

Coppe

Pareceristas internacionais

Dr. José Carpio Martin - Espanha

Dr. Ernesto Jorge Macaringue -
Marrocos

Msc. Diamiry Cabrera Nazco - Cuba

Dra. Sucei Noemi Alejandre Jimenez -
Cuba

Msc. Mohamed Moudjabatou Moussa -
Benin

Data de lançamento do livro: 28 de junho de 2024

Todos os direitos desta obra foram reservados aos autores, organizadores e editores. É expressamente proibida a reprodução desta obra para qualquer fim e por qualquer meio sem a devida autorização da Editora Barlavento. Fica permitida a livre distribuição da publicação, bem como sua utilização como fonte de pesquisa, desde que respeitadas as normas da ABNT para citações e referências.

OBATALÁ, Sociedade Cultural e Religiosa Ilé Àse Tobi

Axé Olorigin [livro eletrônico]: história, organização e memórias de uma organização de uma comunidade de terreiro / Sociedade Cultural e Religiosa Ilé Àse Tobi Babá Olorigin. – Ituiutaba, MG : Editora Barlavento, 2024.

PDF

Bibliografia

ISBN 978-65-87563-55-8

1 Religião 2. Umbanda 3. Candomblé 4 Regimento 5 Memória – I.
OBATALÁ, Sociedade Cultural e Religiosa Ilé Àse Tobi.

II. Título

Mo Júbà

À Olodumare, pela vida repleta de alegrias e pela oportunidade de divulgar mais essa produção de nosso Ilè;

Aos nossos ancestrais, que sempre nos emparam e nos protegem;

Ao nosso Pai Oxalá, nosso rei, nossa fonte de luz e conforto;

A todos os filhos, filhas, amigos e amigas da Sociedade Cultural e Religiosa Ilè Àse Tobi Obatalá (Axé Olorigbin);

À Editora Barlavento, que sempre tem divulgado nossos trabalhos com zelo e profissionalismo.

SOBRE ESSA OBRA

O presente livro relata a trajetória de fundação e consolidação da Sociedade Cultural e Religiosa Ilê Àse Tobi Obatalá. Trata-se de um registro memorial, redigido para comemorar o 10º ano de fundação da instituição, que desde 2013 vem propagando o culto aos Orixás em terras ituiutabanas, além de empreender ações de responsabilidade social em Ituiutaba, MG.

A obra reúne textos escritos por pesquisadores e membros da Instituição e tem como propósitos: a) registrar a memória da organização; b) mostrar o panorama das religiões de matriz afro-brasileira em Ituiutaba; c) relatar a trajetória dos fundadores do terreiro, em especial a do seu Babalorixá; d) apresentar os resultados já alcançados pelos projetos sociais do terreiro, em especial o “Projeto Plantando Axé”, criado para ampliar as relações do grupo religioso com as comunidades de seu entorno.

O livro traz o regimento do terreiro em apêndice, que acreditamos ser importante fonte de estudos e orientação de conduta para seus novos membros. É, portanto, um documento de grande importância para os novos membros da Sociedade e para interessados em conhecer a dinâmica de funcionamento da casa.

Desejamos que esse seja o primeiro de muitos livros da Organização, que entende que as casas de matriz afro-brasileira necessitam ter suas memórias registradas, pois há nos meios jornalístico e acadêmico, um grande silêncio sobre nossas tradições e visão de mundo. É chegada a hora de falarmos de nós mesmos, de nossos feitos e de nossas trajetórias para que, pelo menos entre nós, a história seja valorizada e registrada.

Mical de Melo Marcelino
Editora-chefe – E-books Barlavento

SUMÁRIO

A Sociedade Cultural e Religiosa Ilè Àse Tobi Obatalá (Axé Olorigin) e as religiões afro-brasileiras em Ituiutaba	10
A origem do Axé	12
O Candomblé e a Umbanda em Ituiutaba	13
Trajatória biográfica do sacerdote Anderson Pereira Portugal	19
Os primeiros passos nos terreiros de Umbanda	27
Da Umbanda para o culto aos Orixás	36
O complexo templário da Sociedade Cultural e Religiosa Ilè Àse Tobi Obatalá	47
Espaço sagrado e cultura imaterial: o terreiro como território das festas e das celebrações ancestrais	56
Galeria de Cargos do Ilè Àse Tobi Obatalá	68
Ações sociais, culturais e educacionais desenvolvidas pela Sociedade Cultural e Religiosa Ilè Àse Tobi Obatalá	72
Editora Barlavento	76
Brinquedoteca Maria Izabel de Carvalho Pereira	81
Projetos sociais / Projetos de de Extensão desenvolvidos pela Universidade Federal de Uberlândia em parceria com a Sociedade Cultural e Religiosa Ilè Àse Tobi Obatalá	83

Projetos desenvolvidos em apoio da Lei Paulo Gustavo/2024	102
Artigos científicos, dissertações e teses desenvolvidas tendo a Sociedade Cultural e Religiosa Ilê Àse Tobi Obatalá (Axé Olorigin) como objeto ou local de pesquisa	104
Referências	107
Regimento Interno da Sociedade Cultural e Religiosa Ilê Àse Tobi Obatalá (Axé Olorigin)	110

A SOCIEDADE CULTURAL E RELIGIOSA ILÈ ÀSE TOBI OBATALÁ

(Axé Olorigin)

E AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS EM ITUIUTABA

Em 2023, quando nosso grupo completou 10 anos de fundação, recebemos da espiritualidade uma série de orientações para o planejamento do decênio 2024-2033. De acordo com nossos mentores é chegada a hora de ampliar nossa inserção comunitária e dedicação ainda maior às obras sociais/assistenciais.

Também recebemos a determinação de mudar o nome da casa. A então Sociedade Cultural e Religiosa *Ilè Àse Babá Olorigin* (“Templo de Oxalá, pai de muitos filhos”, em Yorubá¹) deveria ser renomeada para Sociedade Cultural e Religiosa *Ilè Àse Tobi Obatalá* (“Templo de Oxalá, grandioso rei que se veste de branco”, em Yorubá). Esta mudança já era esperada pela comunidade, pois nossos mentores e sacerdotes já haviam anunciado em 2016 que este fato ocorreria por volta do 10º ano, quando a sociedade receberia seu nome definitivo.

Devido à referida necessidade de adequação do nosso estatuto e mudança do nome, realizamos um novo registro junto ao Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ) para nossa entidade. O documento anterior não trazia a previsão de realização de tais mudanças, de maneira que foi necessário dar

¹ Língua africana falada sobretudo na Nigéria e no Benin.

baixa nele para criar um novo registro de regimento em cartório que fosse mais completo, mais atualizado, mais dinâmico e mais inclusivo.

Além disso, a redação do regimento anterior era muito sintética e engessada e como nosso espaço religioso ampliou seu alcance comunitário, precisávamos de um novo estatuto que abarcasse toda a nossa complexidade social, educativa, cultural, ambiental e religiosa. Além disso, foi necessário estabelecer uma série de adequações às novas normas jurídicas vigentes no país, assim como a normas cartoriais.

Juntamente aos pontos mencionados, as alterações abarcam ainda aspectos da vida religiosa para assegurar maiores direitos, proteção e acolhimento aos grupos vulnerabilizados pela organização social brasileira. Dentre esses grupos encontram-se mulheres, pessoas pretas e pardas, indígenas, ciganos e ciganas, pessoas com deficiências e pessoas transgêneras.

A nova redação abriu espaço ainda para uma maior inserção social, sobretudo no que diz respeito à assistência espiritual, parcerias em projetos educacionais, apoio à cultura e defesa dos Direitos Humanos. Inseriu ainda a questão ambiental como um importante valor civilizatório a ser defendido pela sociedade.

Para o processo de requerimento de nosso espaço religioso como sendo um bem cultural imaterial de Ituiutaba, utilizaremos o novo registro de CNPJ. Todavia, destacamos que nossa trajetória, até o momento, foi alicerçada tendo como identificação o nome *Sociedade Cultural e Religiosa Ilè Àse Babá Olorigbin*, o que justifica a utilização dessa razão social em nosso material comprobatório. Justifica-se também, deste modo, a utilização do termo “*Axé Olorigbin*” após o atual nome oficial da casa. É com

esse apelido mais popular que a comunidade de axé de Ituiutaba se refere ao templo.

Origens do Axé

A Sociedade Cultural e Religiosa Ilê Àse Tobi Obatalá (Axé Olorigin) foi idealizada no ano de 2013, pelo Sr. Anderson Pereira Portuguez, umbandista desde 1986 e candomblecista desde 1988, iniciado para o Orixá Oxalá (Obatalá) em 26 de julho de 1997.

Na ocasião em que idealizou a comunidade de axé, teve o apoio do Sr. Colignon Junio Freitas Portuguez, com quem se casou e que assumiu com ele o desafio de formar e consolidar uma comunidade tradicional de religiões de matriz africana (umbanda e Candomblé) em Ituiutaba, Minas Gerais. Formaram um pequeno grupo de estudos e trabalhos espirituais composto de 11 membros. Este grupo, por sua vez, deu origem em 23 de novembro de 2013, à primeira organização da Sociedade Cultural e Religiosa Ilê Àse Tobi Babá Olorigin.

Desde então, o grupo cresceu e necessitou de um espaço adequado para a realização das reuniões mediúnicas, culturais e sociais. Em 26 de abril de 2014, o Sr. Anderson Pereira Portuguez foi oficialmente consagrado BABALORIXÁ, recebendo seus direitos sacerdotais na sede do Àse Ypondá, na cidade de São Gonçalo, Rio de Janeiro. O agora Babá Anderson t'Oxalá adquiriu, então, dois terrenos localizados na rua das Orquídeas, nº. 399, Residencial Cidade Jardim, em Ituiutaba, para que ali pudesse ser edificado o templo religioso e demais instalações da sede da Sociedade.

Em dezembro de 2014 o Babá Anderson recebeu em seu terreiro o sacerdote Babá Mauro T’Osun, do Àse Ypondá (São Gonçalo, RJ) para realizar os ritos de consagração da terra e, assim, poder finalizar as obras e inaugurar seu Ilê, o que ocorreu em 16 de janeiro de 2016, quando o novo sacerdote tirou seu primeiro barco de iniciados.

Em 28 de janeiro de 2022, em conformidade com a Lei 9.982/2000 e Art. 18 do Pacto Internacional de Direitos Civis e Políticos de 1966, o Babalorixá Anderson Pereira Portuguez foi outorgado como CAPELÃO de Religiões Tradicionais de Matriz Afro-brasileira (MINISTRO RELIGIOSO - Umbanda e Candomblé) na cidade de Imbé, Rio Grande do Sul.

Atualmente o grupo soma mais de 10 anos de dedicação à solidariedade, à caridade, a projetos de responsabilidade social e à difusão dos valores civilizatórios ancestrais apregoados pela Umbanda e pelo Candomblé.

O Candomblé e a Umbanda em Ituiutaba

Portuguez (2023) afirmou que o Candomblé é uma religião brasileira que nasceu no século XIX a partir da fusão de uma série de cultos a divindades africanas, que foram trazidos para o Brasil durante o período escravocrata (Século XVI a XIX).

Em África existem manifestações religiosas diferenciadas, cada uma guardando aspectos muito locais ou regionais. Porém, no Brasil, no recinto angustiante das senzalas ou em confrarias e quilombos, os africanos e seus descendentes criaram toda uma ritualística que sintetiza tais cultos e o sistematizaram de forma operacional.

Nasceu assim, a religião brasileira dos Orixás em terras baianas no século XIX, a partir de tradições de povos Yorubás (ou nagôs) com influências de costumes trazidos por grupos Fons (também chamados de Jejes), bantos e, residualmente, por outros grupos africanos minoritários. Geograficamente, os países africanos cujos povos mais contribuíram para a formação do que hoje chamamos de Candomblés Ketu foram: Nigéria, Benin, Togo, Gana e proximidades.

Na África Ocidental, terra de origem de algumas das mais importantes etnias africanas que deram origem ao candomblé no Brasil, os contatos culturais entre esses povos já eram intensos e de longa data (comércio regional, rotas trans-saareanas, expansão mulçumana, guerras, etc.), o que possibilitou a fusão de traços culturais antes mesmo do mercantilismo escravocrata.

O candomblé Yorubá (ou Jeje-Nagô), como costuma ser designado, congregou, desde o início, aspectos culturais originários de diferentes cidades iorubanas, originando-se aqui diferentes ritos, ou nações de candomblé, predominando em cada nação tradições das cidades ou região que acabou lhe emprestando o nome (PRANDI, 2001, p. 44).

Ao descrever o Candomblé *Nação Ketu* (de matriz Yorubá), Portuquez (2023) afirmou que dos muitos Orixás e divindades que vieram para o Brasil nas mentes e corações dos africanos, cerca de 30 ainda são bastante cultuados e conhecidos nos dias atuais. Afirmou o autor que "(...) as confrarias e senzalas funcionaram como locais de convívio e hibridização genética, cultural e identitária de diferentes nações africanas, dando origem a uma complexa e diversificada descendência “étnico-racial” (p. 56-57).

O Panteão Yorubá cultuado no Brasil é composto, sobretudo, pelos seguintes Orixás/Divindades: Babá Egungun, Iyami Oxorongá, Exu, Ogun, Oxóssi, Yabá Otin, Ossäyin, Obaluaye, Oxumarê, Iroko, Nanã Buruku, Yewá, Y'Obá, Oyá, Logun Edé, Oxun, Olokun, Ajê Saluga, Yemonjá, Xangô, Ayrá, Ibeji, Orumilá-Ifá, Onilé, Oxoguian, Orixá Okô, Orixá Okê, Orixá Inselé, Orixá Dankô, Babá Ajalá, Oxolufã e outros.

As práticas religiosas que ocorrem no Brasil são de fato afro-brasileiras, pois não são exatamente como se faz (ou eram feitas) na África. Houve a necessidade de adaptação dos cultos a uma nova geografia, à disponibilidade de instrumentos rituais, folhas, fauna e outros aspectos. De toda forma, os conhecimentos herdados dos antepassados são atualmente partes de nossa cultura e devem ser entendidas e respeitadas como tal. Em outros termos, as comunidades de terreiros são plurais e praticam uma religiosidade de base plural (PORTUGUEZ, 2015, p. 63).

Existem muitas manifestações de fé, religiosidades e religiões de matriz afro-brasileira no Brasil. Tais manifestações são tão pouco estudadas, que algumas como o Torê e o Vuduísmo sequer possuem registros oficiais ou acadêmicos. Entretanto, autores como Prisco (2012), Verger (2012) Carneiro (2014), Pereira (2014) e Portuguez (2023), acreditam que no total, cerca duas dezenas e meia de cultos distintos possam ser considerados como os mais comuns: Candomblé, Culto a Orumilá-Ifá, Pajelança Afro-Indígena, Omolokô, Cabula, Culto aos Egungun, Catimbó-Jurema (ou Jurema), Umbanda, Quimbanda, Xambá, Terecô, Batucada e Tambor de Mina.

Dentre as religiões citadas, algumas puderam ser encontradas em Ituiutaba (quadro 1), muitas vezes sendo praticadas de forma isolada, mas também dividindo espaço com outras em um mesmo templo. São elas:

Quadro1: Principais religiões de matrizes africana e afro-brasileiras de Ituiutaba, MG

Religião	Características e ocorrência em Ituiutaba
Candomblé	<ul style="list-style-type: none"> • O Candomblé é uma religião brasileira em meados do século XIX a partir do enraizamento cultural de africanos escravizados. Por meio do culto aos ancestrais e aos Orixás, Voduns e Nquices, os candomblecistas recebem as bênçãos da espiritualidade (axé), para que tenham uma vida próspera e regrada dentro do sistema moral-ético ditado pela tradição desses cultos. • Em 2024, encontramos o registro de três terreiros abertos de Candomblé raiz Ketu em Ituiutaba. Há ainda mais dois terreiros desativados de raiz Angola. Existem ainda alguns candomblecistas que frequentam terreiros localizados em outras cidades (Brasília, Uberlândia, Uberaba, Cabo Frio e outras). • As casas de Candomblé de Ituiutaba são espaços de práticas multirreligiosas, pois o culto aos Orixás não é exclusivo nesses espaços sagrados. Geralmente os terreiros organizam-se de modo a possuírem calendários de cultos do Candomblé, da Umbanda, Quimbanda e do culto a Orumilá-Ifá.
Umbanda	<ul style="list-style-type: none"> • Religião brasileira que surgiu no início do século XX, a partir do sincretismo das fés indígenas, africanas e europeias. Na Umbanda, os espíritos (ou desencarnados) se manifestam por meio da incorporação mediúnica para dar conselhos para os frequentadores e neles ministrar passes. Prega a evolução espiritual por meio da reencarnação e aprimoramento do comportamento pessoal.

	<ul style="list-style-type: none"> • Em Ituiutaba há, oficialmente, poucos umbandistas declarados, conforme dados citados do IBGE (2022). Entretanto, há uma grande quantidade de frequentadores assíduos dos terreiros que se espalham por toda a cidade. Geralmente os atendimentos são realizados em residências, com poucos casos de templos que foram de fato edificadas para tal fim. • Ituiutaba não dispõe de registros ou estudos que tenham mapeado os terreiros de Umbanda com clareza e metodologia adequada. Os trabalhos de campo que fizemos mostram, no entanto, que existem aproximadamente 30 terreiros na cidade, sendo que alguns deles são espaços residenciais adaptados e outros são terreiros de Candomblé que também praticam ritos de Umbanda.
<p>Outros cultos registrados</p>	<p><i>Omolokò</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • É um culto semelhante ao de Umbanda, mas com traços fortes de africanização das práticas rituais, sobretudo com a incorporação de ritos de iniciação próprios para os Orixás. • Observamos que o Omolokò é muito confundido com a Umbanda em Ituiutaba. Existem muitos religiosos que se dizem “umbandistas iniciados” em ritos de Orixás, mas tais ritualísticas são diferentes daquelas praticadas no Candomblé. <p><i>Quimbanda</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • É uma religião que tem crescido em Ituiutaba, sobretudo após ser popularizada por influenciadores digitais praticantes. Não requer a existência de templos, embora seja de fato uma religião iniciática. Ituiutaba possui alguns templos quimbandeiros já há algum tempo, sobretudo os pertencentes à linhagem luciferiana da religião.

	<ul style="list-style-type: none"> • Cultua Exus e Pombagiras e as forças das sobras espirituais para promover a prosperidade e outras “vantagens” para seus praticantes. <p><i>Catimbó-Jurema</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Em Ituiutaba encontramos fragmentos deste culto, mas não há até 2024 nenhum terreiro realmente tradicional de Catimbó/Jurema Sagrada. • Geralmente é confundida com a Umbanda e na cidade há religiosos que chegaram a realizar rituais de iniciação em templos de cidades maiores.
	<p><i>Xamanismo</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Também é uma religião que que tem crescido em Ituiutaba, sobretudo após ser popularizada por influenciadores digitais praticantes. • Praticado de forma fragmentada, o xamanismo tem crescido na forma de comunidades ayahuasqueiras, que atualmente somam dois grupos em formação/consolidação em Ituiutaba. <p><i>Hoodoo</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • É outro exemplo de prática religiosa de caráter individual, que que tem crescido em Ituiutaba sobretudo após ser popularizada por influenciadores digitais praticantes. • Consiste em uma prática magística afro-norte-americana que reúne elementos do cristianismo americano com tradições religiosas negras. Em Ituiutaba há pessoas que praticam de forma isolada, em suas residências, de forma bem intimista. <ul style="list-style-type: none"> • <i>Culto a Orumilá-Ifá</i>

	<ul style="list-style-type: none"> • Embora tenhamos registros desse culto no Brasil desde a vinda dos primeiros babalaôs (sacerdotes do culto), foi somente na década de 1990 que o culto a Orumilá-Ifá cresceu e adquiriu maior organização institucional e, atualmente, mostra-se como um dos mais fortes. Esse culto é considerado o mais “africanizado” que existe no Brasil. • Em Ituiutaba não há na atualidade (2024) templos dedicados unicamente a Orumilá-Ifá. O que ocorre é que algumas práticas do referido culto foram adotadas por alguns fiéis que moram em Ituiutaba.
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Portuguese (2023).

Trajetória biográfica do sacerdote Anderson Pereira Portuguese

Babá Olorigin é o nome que Anderson Pereira Portuguese - ou Babalorixá Anderson T’Oxalá - recebeu em 1997, quando iniciou-se para o Orixá Oxalá pelas mãos do Babá Rogerinho de Oxun (Yeyê Omonilê) na casa do saudoso Pai Marquinhos de Omolu (Ijiayekan) em Vitória, ES.

Babá Anderson T’Oxalá nasceu em 22 de fevereiro de 1971 na pequena cidade de Bom Jesus do Itabapoana, RJ, na divisa entre os Estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo. É filho da Sra. Maria Izabel de Carvalho Pereira e do Sr. Raulino Alves Portuguese, ambos conhecedores da doutrina Kardecista, que tiveram ainda mais um filho, Sr. Eric Pereira Portuguese, 6 anos mais novo que o Babá Anderson T’Oxalá.



Figura 1: Babá Olorigin, ou Babalorixá Anderson T'Oxalá em foto de 2024, aos 53 anos de idade.

Fonte: Acervo do Axé (2024).

O Egbon Eric T'Oxóssi (como é conhecido no axé), além de irmão carnal do Babá Anderson T'Oxalá, também foi seu irmão-de-santo, pois ambos foram iniciados pelo mesmo Babalorixá, ainda que muito cedo tenha partido para rumos diferentes dentro dos cultos de Orixá.

Seu pai e sua mãe eram funcionários públicos federais aposentados; ambos trabalharam no INSS. O Sr. Raulino atuou na agência do órgão em Colatina, no norte do Espírito Santo e a Sra. Izabel na Superintendência Estadual do INSS, em Vitória, a capital capixaba.

Sua mãe, que já havia se divorciado de seu pai em meados da década de 1980, casou-se com o Sr. Wilson Siqueira com quem teve sua irmã caçula, Sra. Carolina de Carvalho Siqueira. A irmã caçula é psicóloga e sacerdotisa da Fraternidade Pedra Dourada, um templo de Umbanda localizado na cidade de São José do Calçado (ES), onde atualmente mora com sua mãe, pai e alguns outros parentes da linhagem materna.

Em 1975, a família mudou-se da pequena Bom Jesus do Norte, ES para a cidade Cariacica, localizada na Grande Vitória (ES). Essa mudança se fez necessário, pois o pai e a mãe de Babá Anderson T'Oxalá se tornaram funcionários públicos, ambos trabalhando em setores do antigo Instituto Nacional de Previdência Social (INPS, atual INSS).

A Sra. Maria Izabel, como todas as filhas da Orixá Yemanjá, é uma mulher forte, decidida, imperiosa e foi a grande responsável pela educação dos filhos, pois se separou de ex-marido pouco tempo depois do nascimento de seu segundo filho. É atualmente a matriarca da família, figura de maior centralidade e autoridade, considerada uma referência não só para o Babá Anderson T'Oxalá, mas também para toda a comunidade de terreiro onde atua como presidenta, em São José do Calçado, ES.



Figura 2: Sr.ª Maria Izabel de Carvalho Pereira formou-se como professora de línguas e literatura (Português e Inglês) e é funcionária pública federal aposentada.



Figura 3: Dr. Raulino Alves Portugal, advogado, funcionário público federal aposentado (falecido).

Fonte: Acervo do Axé (2024).

Para acompanhar o Babá Anderson T'Oxalá em sua iniciação na Umbanda, a Sra. Maria Izabel tornou-se membro do corpo mediúnico do Centro Espírita Orixalá, em Vila Velha, ES, em meados de 1986. Desde então, usando suas habilidades de pesquisa e estudo da doutrina Kardecista, tornou-se doutrinadora com respeitada autoridade nos cultos de Umbanda de todo o Espírito Santo, sendo presidente de pelo menos 3 terreiros por cerca de 40 anos ininterruptos. Atualmente, administra uma casa em fase de organização na sua cidade natal, São José do Calçado, para onde regressou em 2013 com quase toda sua família.

O Dr. Raulino, falecido em 24 de setembro de 2001, vivia desde meados dos anos 1970 na cidade de Colatina, no norte do Espírito Santo, onde permaneceu após sua separação conjugal. Era um homem divertido, sempre brincalhão e emotivo, mas também muito teimoso. Há quem diga que a teimosia de Babá Anderson T'Oxalá fora herdada de seu pai. O Dr. Raulino era advogado, formado pela Faculdade de Direito de Colatina (turma de 1981). Mesmo registrado na Ordem dos Advogados do Brasil, nunca chegou a construir carreira advocatícia, pois dedicou-se ao serviço público federal até sua aposentadoria. Dr. Raulino foi um homem de saúde frágil, tendo falecido aos 55 anos de idade, poucos meses após ter descoberto estar com câncer.

Babá Anderson cresceu, portanto, sob os cuidados de sua mãe e parte de sua família materna. O Sr. Raulino vinha de Colatina para Vitória todos os finais de semana, ano após ano para visitar os filhos nos finais de semana. Porém, ao adoecer, já mais frágil, parou de ir para Vitória, até porque os filhos passaram a ir visita-lo em Colatina, onde vivia com sua segunda esposa, a Senhora Rosa Guimarães, que sempre foi muito querida como madrastra.

Babá Anderson T'Oxalá estudou em três escolas durante o Ensino Fundamental: Escola Ludovico Pavoni, Escola Monte Serrat e Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória (todas em Vitória, ES). Seu ensino médio (Técnico em Contabilidade) foi cursado no Colégio Cenicista Dr. João dos Santos Neves (Vila Velha, ES).

Graduou-se em Geografia pela Universidade Federal do Espírito Santo em 1993. Cursou pós-Graduação *Lato Sensu* em Educação Escolar na FAESA- Faculdade Espírito-Santense de Administração em 1994. Entre os anos de 1996 e 1998, cursou Mestrado em Geografia Humana na Universidade de São Paulo sob a orientação da renomada Profa. Dra. Adyr Balestrere Rodrigues, maior autoridade nacional em Geografia do Turismo. Para se qualificar junto à Universidade de São Paulo, Babá Anderson morou em São Paulo entre os anos de 1996 e 1997, o que lhe trouxe grande amadurecimento pessoal.

Entre 1999 e 2000, Babá Anderson mudou-se para Madrid, Espanha, para iniciar seus estudos doutorais. Naquela ocasião, matriculou-se como aluno regular no Programa de Pós-Graduação (Doutorado) do *Departamento de Geografía Humana da Facultad de Geografía e Historia da Universidad Complutense de Madrid*, sendo orientado pelo ilustríssimo Professor Dr. José Carpio Martín, um dos geógrafos mais proeminentes da Espanha.

A experiência de viver em outro país, em outro ambiente cultural, foi um desafio pessoal e profissional significativo, do qual grandes amizades surgiram e valiosas experiências foram vivenciadas. Entre 2002 e 2005, Babá Anderson trancou sua matrícula no Doutorado devido às dificuldades financeiras pelas quais passou naquela época, mas mesmo licenciado, dedicou-se

aos estudos em campo que deram origem mais tarde à sua tese doutoral. Em 2006 Babá Anderson T'Oxalá retornou aos estudos doutorais após destrancar sua matrícula e dedicou-se quase que exclusivamente aos estudos entre 2006 e 2009.

Em abril de 2010, doutorou-se em Geografia pela *Universidad Complutense de Madrid*, apresentando uma pesquisa de 615 páginas sobre 5 comunidades de pescadores tradicionais e suas estratégias de sobrevivência frente à territorialização do grande capital na Planície Costeira do Rio Doce, em Linhares, ES. Sua tese recebeu da banca avaliadora a mais elevada avaliação da academia espanhola (*Sobresaliente "Cum Laude"*), sendo inclusive indicada a prêmios nacionais e internacionais.

Por fim, entre os anos de 2017 e 2018, Babá Anderson T'Oxalá fez seu pós-doutorado em Geografia Cultural/Geografia do Sagrado no Departamento de Geografia da Universidade de Brasília, sob a tutoria do Prof. Dr. Luiz Fernando de Araújo Sobrinho.

Atualmente Babá Anderson T'Oxalá é professor efetivo do Curso de Geografia da Faculdade de Ciências Humanas do Pontal/Universidade Federal de Uberlândia, onde ingressou em fevereiro de 2010. Lecionou (antes de concursar-se) em diversas escolas públicas e privadas de Ensinos Fundamental e Médio, além de faculdades privadas e, ainda, como professor contratado da Universidade Federal do Rio de Janeiro, da Universidade Estadual do Ceará e da Universidade Federal do Espírito Santo.

Até o presente momento (2024), Babá Anderson T'Oxalá escreveu 22 livros autorais e organizou 36 coletâneas, todos sobre turismo, cultura, patrimônio cultural, educação e religiosidade popular. Algumas dessas obras são fruto de parcerias de pesquisa

e 3 delas foram reeditadas. Publicou trabalhos científicos no Brasil, em Cuba, Chile, Peru, Costa Rica, Portugal, Espanha, Moçambique, Cabo Verde, Angola, Benin e outros países. Até o momento (2024) são contribuições científicas apresentadas em congressos, artigos em revistas especializadas e capítulos de livros.

Em 11 de julho de 2024, Babá Anderson T'Oxalá recebeu uma das maiores honrarias acadêmicas que uma instituição pode conceder a um cidadão: a outorga do título Doutor Honoris Causa. Trata-se de uma honraria concedida por faculdades ou universidades a personalidades que se destacaram por atuarem em alguma área como: cultura, educação, ciência, política, filantropia, Direitos Humanos, a teologia ou filosofia.

A outorga citada ocorreu no Teatro Municipal de Uberaba, onde Babá Anderson T'Oxalá recebeu a douta honraria juntamente com seu Babalorixá, Babá Vitinho T'Oxóssi, também outorgado com o mesmo título. Outras celebridades da área cultural e de religiões tradicionais de matriz africana foram tituladas nesta ocasião e a instituição concedente foi a Faculdade Cristã de Teologia e Filosofia do Estado do Rio de Janeiro.

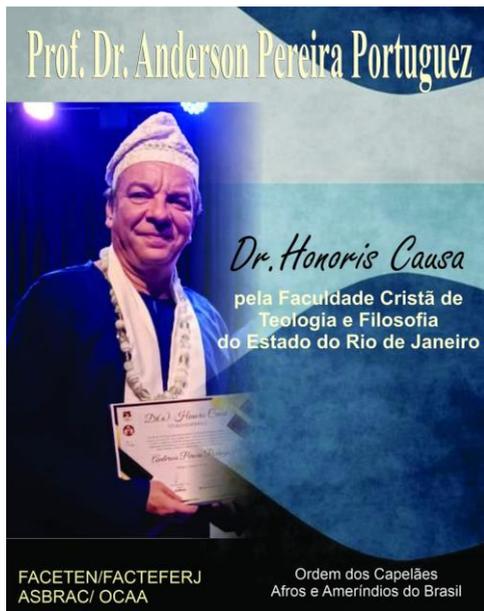


Figura 4: Título Dr. Honoris Causa pela Faculdade Cristã de Teologia e Filosofia do Estado do Rio de Janeiro. Ordem dos Capelães Afros e Ameríndios do Brasil (2024).

Fonte: Acervo do Axé (2024).

Os primeiros passos nos terreiros de Umbanda

Desde seus 6 anos de idade, Babá Anderson T'Oxalá estabelecera seus primeiros contatos com a Umbanda, sendo levado ocasionalmente para tomar passes em centros localizados em Vitória. Sua mãe sempre o levava em festividades e trabalhos mediúnicos, mas como qualquer criança, as experiências nos terreiros eram lúdicas e descompromissadas.

Em 1985, aos 15 anos de idade, Babá Anderson T'Oxalá participou de uma seção mediúnica pela primeira vez, em um culto familiar, que ocorreu na noite de natal, quando sua tia, Dona Lucineia Detman, casada com seu tio por descendência materna, Sr. Rui Carvalho Pereira, incorporara uma entidade que viera dar alguns recados para a família. Dona Lucinéia trabalhava habitualmente com o Preto Velho Pai João de Angola, com o Caboclo Tupinambá, com o Marinheiro 7 Ondas, com duas crianças espirituais (Luizinho e Mariazinha), um Exu e uma Pomba-Gira Cigana.

Durante alguns meses, o Babá Anderson T'Oxalá frequentou algumas giras que dona Lucineia abria em um terreiro nos fundos de sua casa no bairro Campo Grande, no município capixaba de Cariacica. Foi ali, naquele ceio íntimo e familiar que Babá Anderson T'Oxalá apaixonou-se pelo contato com as entidades de Umbanda, amor que mantém até os dias atuais. Porém, esses encontros duraram poucos meses, pois questões pessoais levaram sua tia a interromper os encontros semanais.

No altar de Dona Lucinéia, havia uma estatueta em gesso de Pai João de Angola. Essa mesma estatueta foi guardada carinhosamente pelo Babá Anderson T'Oxalá após o fechamento do quarto de atendimentos de sua tia e atualmente encontra-se em seu terreiro em Ituiutaba. No Ilê Àse Tobi Obatalá, no altar dedicado às entidades de Umbanda, a estatueta encontra-se preservada ao lado de outras poucas imagens de Umbanda.



Figura 5: Imagem em gesso de Pai João de Angola, que pertencera a Dona Lucinéia entre 1985 e 1986.

Fonte: Acervo do Axé (2024).

Em meados de 1986, aos 16 anos de idade, depois de passar alguns meses buscando um novo terreiro para frequentar, o Babá Anderson T'Oxalá resolveu visitar (com seu padrao e seu tio Rui) o Centro Espírita Orixalá, localizado no Bairro Itaparica, em Vila Velha (ES). A primeira vez que foram àquela Casa, ficaram surpresos com o tamanho do terreiro, assim como com o elevadíssimo número de médiuns. Mais de 100 pessoas perfilavam-se de um lado e de outro do terreiro durante os cânticos de abertura. O ambiente era acolhedor, mas como a gira era bastante demorada, deixaram para ser atendidos em outra oportunidade.



Figura 6: Imagem atual do interior do Centro Espírita Orixalá, casa de Umbanda localizada em Vila Velha, ES.

Fonte: www.facebook.com/pages/Centro-Espirita-orixala/. Acesso em 28/07/2015.

Com o tempo, Babá Anderson T'Oxalá passou a frequentar o Centro Espírita Orixalá² com assiduidade, sentando-se na assistência, no lado reservado aos homens, ainda que em seu interior desejasse mesmo era estar na parte reservada aos médiuns da casa. Algo ali lhe atraía. Certa feita, ao ser atendido por um dos Pretos-Velhos da casa, cujo nome não se recorda, foi orientado a pegar uma senha para atendimento com o Caboclo

² Embora esse terreiro utilize o termo “Centro Espírita”, não se trata de templo Kardecista, mas sim uma casa de Umbanda Cristã.

Ubiratã, que era o mentor da casa, para que dele obtivesse autorização para desenvolvimento mediúnico.

Falar com o Caboclo Ubiratã, que incorporava no médium Oloídes Pereira, não era tarefa fácil. As filas eram extensas e demoradas. Tentou por algumas vezes, mas sem sucesso, tamanha era a procura por uma senha de atendimento com esse grande ancestral. O Caboclo Ubiratã chegava por volta das 16 horas dos sábados, e atendia às vezes centenas de pessoas, que passavam toda a noite e madrugada a espera de uma palavra de consolo, ou uma receita para suas dores físicas e espirituais.

Certo dia, sem conseguir ser atendido, Babá Anderson T'Oxalá foi por conta própria em uma gira reservada, sem antes ter pedido autorização para fazer-se presente no terreiro. Era uma gira de desenvolvimento mediúnico, na qual a assistência não participava. Essas giras eram mensais e muito proveitosas para os novatos da casa. No caminho, que era escuro, sem iluminação (por volta das 19 horas) e ainda em estrada de chão, ao passar pela última encruzilhada antes de chegar ao terreiro, o jovem adolescente deparou-se com um despacho feito por algum frequentador de outra casa. De repente, no meio da escuridão, dois cães negros e assustadores, grandes e ferozes, saíram do mato próximo ao despacho, avançaram sobre Babá Anderson T'Oxalá, que mesmo apavorado, decidiu não olhar diretamente para os animais. Passou direto pela encruzilhada e rumou sem apressar-se em direção ao terreiro. Poucos passos depois, olhou para trás e não viu animal algum.

Poucas vezes essa história foi relatada e poucas pessoas souberam à época, desse episódio. Mas logo que adentrou o terreiro e se acomodou, de lá de seu lugar junto ao congá (altar), o Caboclo Ubiratã gritou:

“Ei, filho que está com a mão no rosto, venha de branco na próxima gira, você tem que começar a desenvolver a sua mediunidade”.



Figura 7: Sudoso Sr. Oloídes Pereira (11/11/1935-08/01/2023), médium do Caboclo Ubiratã, e líder do Centro Espírita Orixalá por meio século.

Fonte: Facebook do CEO.

Babá Anderson T’Oxalá acredita que tenha passado por um trabalho de magia das trevas no caminho para o Centro Espírita Orixalá e que os cães que viu “não eram do mundo físico”. Acredita também que ao chegar à casa do Caboclo Ubiratã, esse já sabia o que ocorrera e dera de imediato ordem para ele entrar para o corpo mediúnico.

Sua mãe, Sra. Maria Izabel, incomodou-se no começo com a ideia de seu filho ir tão jovem para um terreiro. Porém, ao passar a frequentar a casa para acompanhá-lo, foi logo convidada

a pôr o uniforme branco e, bem pouco tempo depois, já era considerada uma das principais doutrinadoras da casa. Meses depois de sua entrada, a Sra. Maria Izabel vestiu o uniforme azul-turquesa da diretoria, assumindo mais tarde a presidência do Centro Espírita Orixalá, onde atuou como gestora por alguns anos.

As palestras de doutrinação da Sra. Maria Izabel eram ouvidas com muita frequência. Costumava dividir essa tarefa com outros doutrinadores, como o saudoso Seu Oseas, mais antigo na Casa, com quem estabeleceu fortes laços de amizade. Durante a presidência de Dona Maria Izabel, muitos membros da família de Babá Anderson T'Oxalá tornaram-se umbandistas, alguns o são até os dias atuais.

Foi no dia 13 de setembro de 1986, por volta de 18 horas, que as entidades do Babá Anderson T'Oxalá chegaram pela primeira vez: o Caboclo Ubirajara, o Preto-Velho Pai Joaquim de Aruanda e uma criança espiritual tímida, que naquela casa era chamada de Joãozinho³.

Alguns anos após entrar no Centro Espírita Orixalá, por orientação dos guias espirituais da família de Babá Anderson T'Oxalá, os médiuns consanguíneos e alguns amigos passaram a se reunir para estudos da Doutrina Espírita todos os domingos em sua residência. Esses encontros ocorreram duraram longos anos, sempre às 17 horas e, aos poucos, evoluíram para a formação de um novo terreiro formado pela família anfitriã dos estudos e seus colaboradores. Naquela época, todos frequentavam o Centro Espírita Orixalá.

³ Este espírito não se manifesta mais há pelo menos 25 anos.



*Figura 8:
Carteirinha de
médium de Babá
Anderson T'Oxalá.
Data de admissão:
13 de setembro de
1986, quando
incorporou seus
guias pela primeira
vez.*

*Fonte: Acervo do
Axé (2024).*

Desligaram-se oficialmente daquela casa em 1990 e fundaram a Fraternidade e Luz Pai João de Angola, cujo nome homenageava o Preto-Velho da médium Lucineia Detman. Durante toda a sua existência (23/12/1991-08/06/2013) a Fraternidade foi presidida pela Sra. Maria Izabel e governada pelo Preto-Velho Pai Benedito, que incorporava na sua tia pelo lado materno, Sra. Shirley de Fátima Carvalho Pereira.

Mesmo sendo um médium menos presente nesse período⁴ em função de outras questões e prioridades de estudo e trabalho, Babá Anderson T'Oxalá sempre se sentiu (e de fato era) médium

⁴ Durante seu Mestrado na Universidade de São Paulo (1996-1998), Babá Anderson T'Oxalá morou na capital paulistana e durante a fase de créditos de seu doutorado (2000) mudou-se para Madrid (Espanha). Residiu ainda em Linhares, norte do Espírito Santo, onde trabalhava, de forma que neste período suas idas à Vila Velha e ao terreiro eram menos frequentes.

efetivo daquele terreiro, no qual trabalhou e dele guarda doces lembranças.

Figura 9: Antiga sede do Centro Fraternidade e Luz Pai João de Angola, Vila Velha, ES.



Fonte: Acervo do Axé (2024).

Em 2010, ao mudar-se para Ituiutaba para trabalhar no Campus Pontal da Universidade Federal de Uberlândia, Pai Joaquim de Aruanda - Preto-Velho que incorpora em Babá Anderson T'Oxalá, anunciou que este deveria intensificar seu trabalho espiritual na nova cidade, onde deveria abrir um terreiro para que a caridade pudesse ser praticada nessa nova terra. Em termos formais, pode-se dizer que Babá Anderson T'Oxalá desvinculou-se da Fraternidade Pai João apenas com seu fechamento, mesmo morando a muitos quilômetros de distância.

A saída de sua família de Vila Velha, em direção a São José do Calçado, pequeno município capixaba localizado na divisa dos Estados do Espírito Santo com Rio de Janeiro ocorreu em 2013, quando por ordens da Espiritualidade, a Fraternidade Pai João foi fechada em definitivo, para que após a mudança uma nova casa fosse criada. Surgiu então em 11/01/2014 a Fraternidade Pedra Dourada, que foi instalada na propriedade rural da Sra. Maria Izabel, a 2 km da cidade de São José do Calçado.

Da Umbanda para o culto aos Orixás

Foi ainda no Centro Espírita Orixalá que Babá Anderson T'Oxalá conheceu uma das entidades mais marcantes de sua trajetória espiritual, o Caboclo Cobra Coral, que incorporava em Dona Alda, médium muito querida por ele e sua família. Foi ele quem anunciou os nomes de algumas das entidades do Babá Anderson T'Oxalá e certo dia, comunicou-lhe: “filho, você tem missão no Candomblé”. Até essa data, Babá Anderson T'Oxalá nunca tinha ido a uma casa de Orixá antes, até porque o

Candomblé era muito mal visto pelos dirigentes e pelas entidades que chefiavam o Centro Espírita Orixalá. Essa comunicação do Caboclo Cobra Coral se deu de forma reservada e em sigilo, pois ambos poderiam ser advertidos por travarem essa conversa.

Dona Alda se dizia filha da Orixá Nanã Burukú, mas não era iniciada no Candomblé, teria apenas tomado ebós e boris. Após a revelação desse caboclo, Babá Anderson T'Oxalá sentiu-se curioso e foi então que teve sua primeira experiência com o Candomblé Angola, quando foi para a saída de Nkissi de seu amigo Luiz de Oxum e Sandro de Omolu na casa do Babalorixá Rogério de Iansã (também conhecido como *Rogério Barra-Vento*) na cidade de Serra, no Espírito Santo.

Foi levado por seu amigo Luiz Gustavo T'Oxóssi e a beleza da festa o encantou profundamente, ainda que não pudesse compreender o ritual naquela época. Depois, ainda na companhia de seu amigo Luiz Gustavo T'Oxóssi, foi para uma saída de Xangô na casa do Babalorixá Marcelo T'Oxoguian, em Serra, ES. Esse foi seu primeiro contato com a raiz ketu e com o Àse Oxumarê, onde mais tarde iria se iniciar.

8 anos se passaram entre a entrada de Babá Anderson T'Oxalá em uma casa de candomblé pela primeira vez e sua efetiva iniciação. Nesse período, o Babá Anderson T'Oxalá visitou algumas casas localizadas na Grande Vitória, ES, estabelecendo amizades com yawos da casa dos Babalorixás Marcelo T'Oxoguian e Marcos T'Omolu. Estabeleceu ainda amizade com Rogério T'Osun por volta de 1993, que mais tarde, em 1997, viria a se tornar seu Babalorixá.

Rogério T’Osun era filho de Marcos T’Omolu, cuja casa chamava-se Ilè Asé Olúwàyé Égbé Wàiyékan. Babá Marcos T’Omolu era (naquela época) do Àse Oxumarê, sendo filho de Babá Paulo T’Ogun (Rio de Janeiro) e neto da lendária Yalorixá Teodora T’Yemanjá, filha da Casa de Oxumarê em Salvador, BA. O terreiro de Babá Marcos T’Omolu se localizava logo nos primeiros lances da Escadaria Tenente Aristides, na subida do Morro da Piedade, próximo ao Parque Moscoso, no Centro de Vitória (ES). Em 1999, quando Babá Marcos T’Omolu mudou-se por uns tempos para Belo Horizonte, a Casa foi definitivamente fechada naquele endereço e o imóvel foi vendido.

O terreiro era pequeno, mas muito bem fundamentado, localizado em local de terreno irregular na subida do morro, de forma que o barracão ficava na parte mais alta, a cozinha em plano mediano e a casa do sacerdote na parte mais baixa do terreno. Ali, em meio a pessoas simples, mas de muito axé, Babá Anderson T’Oxalá deu seus primeiros passos rumo à sua iniciação.

A escolha de Babá Rogério T’Osun para ser seu iniciador se deu por um motivo singelo: eram amigos de grande cumplicidade. Babá Anderson tornou-se o “*humbono da navalha*” de Babá Rogério T’Oxun, ou seja, o primeiro yawo iniciado por ele e com quem permaneceu até 2014.

No ano de 1997, a iniciação de Babá Anderson T’Oxalá estava em fase de planejamento. Porém, um fato inusitado apressou sua entrada definitiva para a religião. Uma infecção urinária o acometeu de súbito e os médicos não conseguiam identificar a bactéria causadora da enfermidade. Ao entrar para se iniciar, logo após os primeiros ebós, a infecção cedeu e os procedimentos ritualísticos puderam ser feitos normalmente.

Oxalá lhe trouxe a cura, pois tratava-se de enfermidade de origem espiritual.

Era mês de julho, época mais fria na capital capixaba. Recolher para iniciar-se nessa época do ano era um alívio para quem tinha que cumprir diversos rituais em uma cidade tão quente. Na casa de Babá Marcos havia poucos yawos e Egbomes, não mais que 20 pessoas ao todo. Todos se envolveram nos trabalhos que se alongaram por 21 dias de atividades.

No dia 26 de julho de 1997, no cair da noite, os atabaques ecoaram no Morro da Piedade, anunciando o início do Candomblé na casa de Babá Marcos T’Omolu. Nascia mais um yawo na linhagem Ketu. Após vários dias recolhido, o Babalorixá Rogério T’Osun tirava seu primeiro filho-de-santo, apresentando Oxolufã para a comunidade candomblecista que encheu o salão de festas do terreiro.

Após o fechamento do Ilê Àse Olúwàyé Égbé Wàiyékan em 1999, Babá Anderson T’Oxalá acompanhou seu Babalorisá, que passara a frequentar o Ilê Asé Ajaguna Benykan, casa cujo Babalorixá é Marcelo T’Oxoguian (Babá Kekerè do agora extinto Ilê Àse Olúwàyé Égbé Wàiyékan). A casa se localiza entre as ruas Ana Neri e fundos com a Rua Chauí, no bairro Eldorado no município de Serra, ES. Esse é o terreiro com raiz no Àse Oxumarê mais antigo do Espírito Santo, com mais de 3 décadas de tradição.

Babá Marcelo T’Oxoguian é filho de Babá Pecê T’Oxumarê, sacerdote máximo do Àse Oxumarê, em Salvador (BA). Foi na casa de Babá Marcelo T’Oxoguian que Babá Rogério T’Osun deu continuidade às suas obrigações. Também lá, Babá Rogério T’Osun obrigacionou Babá Anderson T’Oxalá,

cujo Ajodun Èta ocorreu em 28 de julho de 2001 e seu Ajodun Èje foi comemorado no dia 09 de dezembro de 2006.

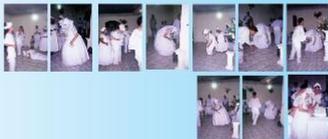
Babá Anderson T'Oxalá pertenceu ao Àse Ajaguna Benykan por mais de 10 anos. Afastou-se quando se concursou para o cargo de professor da Universidade Federal de Uberlândia e teve que mudar-se para a cidade de Ituiutaba (MG). Passando agora a viver há mais de 1.200 km de distância do município de Serra, não seria mais possível para ele permanecer na casa. Durante sua permanência na casa de Babá Marcelo, pode aprender muitas coisas sobre o culto aos Orixás, embora tenha se ausentado de muitas funções devido à sua atribulada carreira acadêmica. Dividia seu tempo entre as muitas aulas que ministrava em várias faculdades privadas, a retomada de seu doutoramento (2006-2010), sua família e a Casa dos Orixás.

Em 2010, quando se estabeleceu em Ituiutaba, Babá Anderson T'Oxalá construiu no terreno de sua casa um quarto para abrigar os assentamentos (igbás) de seus Orixás e pode então ir busca-los na casa de Babá Marcelo T'Oxoguan. Uma vez que seus Orixás já estavam morando consigo em sua casa, Babá Anderson T'Oxalá passou a sentir a necessidade de estabelecer uma ligação mais próxima com os cultos de Umbanda e do Candomblé. A defesa de sua tese doutoral em abril de 2010 e estabilidade laboral alcançada como funcionário público federa concursado, fez com que o desejo de dedicar mais tempo ao seu Orixá aflorasse.

Babalorisá Anderson T'Osalá.
Iniciação: 26 de julho de 1997, Vitória (ES), com o Babalorisá
Rogrério T'Osun na Casa de Pai Marcos T'Omolu



Odú Itá: 28 de julho de 2001, Serra (ES), com o Babalorisá
Rogrério T'Osun na Casa de Pai Marcelo T'Osoquian



Odú Ijé: 09 de Dezembro de 2006, Serra (ES), com o Babalorisá
Rogrério T'Osun na Casa de Pai Marcelo T'Osoquian



Figura 10: Mosaico de imagens de Babá Anderson T'Oxalá, da sua iniciação à obrigação de 7 anos.

Fonte: Acervo do Axé (2024).

Foi aí que Babá Anderson T'Oxalá resolveu abrir um pequeno espaço para consultas em sua casa, para que seu Preto-Velho, Pai Joaquim de Aruanda, pudesse dar passes e conselhos para os novos amigos feitos na cidade de Ituiutaba. Porém, o próprio guia protetor manifestou-se no início de 2013 e proclamou:

“Meu filho deve inaugurar uma casa para o culto de Oxalá nessa nova terra. Lá, quando permitido, eu trabalharei pela caridade”.

Nasceu aí o projeto do terreiro de Oxalá. Naquela época, Colignon Junio Freitas Portuguesez, seu marido, aderiu a essa ideia e passou a apoiar a construção da nova casa, assim como outros amigos de Babá Anderson T'Oxalá. Colignon já era médium antigo de Umbanda e foi escolhido por Pai Joaquim de Aruanda para ser a segunda chefia nas giras. Porém, para que pudesse assumir plenamente o papel de segunda pessoa dentro da nova casa, era necessário que se iniciasse no culto aos Orixás.

Em fevereiro de 2014, depois de decidir sobre alguns rumos que pretendia para sua vida espiritual, Babá Anderson T'Oxalá procurou o Babalorixá José Mauro Guimarães de Jesus (Babá Mauro T'Oxun), zelador do Ilê Alaketu Asé Ymaí Osun Ypondá, localizado em São Gonçalo, RJ.

Na festa do Orixá Ogun, Babá Anderson T'Oxalá tomou sua obrigação de 14 anos (Ajodun Iká) e Colignon foi, então, iniciado para o Orixá Oxumarê. A iniciação do yawo ocorreu durante essa função, com saída para orunkó ocorrida dia 26 de abril de 2014 à tarde. Naquele mesmo dia, à noite, Babá Anderson T'Oxalá foi apresentado à sala no Asé Yamí Osun Ypondá pelo Babá Mauro T'Osun e por Iyá Monica Millet T'Oxóssi (neta carnal de Mãe Menininha do Gantois e Yalorixá de Babá Mauro)

e das mãos de ambos, recebeu seu *Igbasé* (insígnias que simbolizam a outorga sacerdotal).

Figura 11: Obrigação de 14 anos em 26 de abril de 2014, na casa de Babá Mauro TY'Oxun, em São Gonçalo, RJ.



Figura 12: Babá Kekerê Colignon T'Oxumarê. Segunda pessoa na hierarquia do axé.



Fonte: Arquivos do Axé (2024).

Colignon T'Oxumarê foi iniciado por Babá Diogo T'Logon Edé, Babá Egbé do Axé Yami Osun Ypondá e filho de Babá Mauro T'Osun. Tomou sua obrigação de um ano em 27 de

junho de 2015, nas festividades comemorativas do Orixá Ayrá, também em São Gonçalo. A iniciação de Colignon T'Oxumarê deu início à sua preparação para que ele pudesse assumir a função de Babá Kekerê do Ilê Axé Tobi Obatalá.

Em 28 de novembro de 2015, a casa solicitou e recebeu seu registro junto à Federação Espírita, Umbandista e de Candomblé de Minas Gerais. O diploma de filiação foi expedido pelo Presidente da Federação, o Babalorixá Gilberto Resende Sobrinho (Babá Gilberto T'Baru), que fez a entrega do mesmo durante evento realizado pelos praticantes de religiões afro-brasileiras na Universidade Federal de Uberlândia, Campus Santa Mônica.

Babá Anderson T'Oxalá permaneceu no Axé Yami Ypondá por 2 anos, período em que recebeu de Babá Mauro T'Oxun o suporte necessário para a construção do seu terreiro em Ituiutaba, tomou sua obrigação de 14 anos, confirmou sua primeira Ekeji de Oxalá (Mãe Leonor Franco de Araújo, de Xangô), plantou axé e iniciou seu primeiro barco com um Ogã (seu filho espiritual e amigo mais íntimo, Pai Douglas Ronaldo Silva de Xangô) e um yawo.

Cumprida essa etapa transitória, em junho de 2016, Babá Anderson retornou para seu Àse de origem (Àse Osumarê) e passa a se cuidar com o Babalorisá Vitor Rachid Colucci Daher (Babá Vitinho T'Oxóssi) do Àse Tobi Odé Kolè, localizado na Rua Amélia Sarkis, nº. 60, Uberaba, MG.

No dia 04 de agosto de 2018, Babá Anderson T'Oxalá tomou sua obrigação de 21 anos (Ijè Mo Kànlélógún), que fora oficiada por Babá Vitinho T'Oxóssi. Desde então, anualmente a

feira *Águas de Oxalá* é realizada no primeiro final de semana de agosto e com ela se celebra os *ajoduns* do Babalorixá.



Figura 13: Obrigação de 21 anos de Babá Anderson T'Oxalá em 04 de agosto de 2018, na sede do Axé Obatalá em Ituiutaba.

Fonte: Arquivo do Axé (2024).

Convém ainda citar o fato de que Babá Anderson T'Oxalá fez duas pactuações religiosas importantes. A primeira ocorreu em abril de 2016, quando ele fez seu *Ishefá* (primeira iniciação) no culto tradicional Yorubá, sob o comando do Babalawo Ifásholá em um templo de Ifá localizado em Uberlândia. Em janeiro de 2023, Babá Anderson fez sua iniciação na Quimbanda Congo-Angola com o Tata Kamulepambo, da Casa de Marabô (São Paulo). Porém, o sacerdote não segue nem Ifá nem a

Quimbanda, ou seja, fez essas iniciações para ampliar seus conhecimentos sobre a espiritualidade, para ampliar suas experiências e para lograr autoconhecimento. Quando realiza algum tipo de rituais afetos às pactuações citadas, ele o faz de forma totalmente desvinculada da Umbanda e do Candomblé, de forma pessoal e reservada, apenas para manutenção do equilíbrio energético dele e de sua casa.

O COMPLEXO TEMPLÁRIO DA SOCIEDADE CULTURAL E RELIGIOSA ILÈ ÀSÈ TOBI OBATALÁ

O loteamento Residencial Cidade Jardim é um empreendimento imobiliário criado em 2013 na região sudoeste de Ituiutaba, em área que no passado foi ocupada por propriedades rurais que se dedicavam à pecuária bovina extensiva. O loteamento foi aprovado na Prefeitura de Ituiutaba pela empresa Dalet Empreendimentos Imobiliários Ltda e os lotes foram comercializados pela empresa Real Consultoria Imobiliária, localizada na Rua 20, n.º. 440, Centro de Ituiutaba.

Quando o loteamento foi lançado em 2013, Babá Anderson T'Oxalá adquiriu os dois primeiros lotes da Rua das Orquídeas, que foram unificados, receberam o número 399 e sobre ele o sacerdote edificou o complexo templário que conta com 450 m² de área construída (barracão, copa, 2 cozinhas, quartos de Orixás e banheiros), 150 m² de pátios internos e aproximadamente 1.800 m² de área verde localizada nos fundos do templo. Soma-se a isso, um terreno de 300 m² de área privada, onde se encontra a residência do sacerdote. No total, o complexo soma aproximadamente 900 m² de área privada. O complexo templário fica na esquina da Rua das Orquídeas com a Rua Dico Marques, entre os bairros Residencial Camilo Chaves e Residencial Cidade Jardim.

O complexo templário corresponde à área, ao espaço físico para o qual se reivindica o reconhecimento de patrimônio cultural.

A arquitetura do templo se enquadra no que podemos considerar como eclética, modernista/funcionalista. O espaço foi dividido de acordo com o uso que se desejava para cada

repartição interna e um cuidado especial foi dado à circulação, com acessibilidade e conforto para pessoas com deficiência. A área construída pode ser dividida nas seguintes estruturas:

Quadro 2: Caracterização do espaço físico do complexo templário.

Tipos e identificação das áreas	Descrição
<p>Compartimentos de uso comunitário, utilitários e sanitários</p> <ul style="list-style-type: none"> • Banheiro masculino • Banheiro feminino • Refeitório • Cozinha comunitária • Lavanderia • Hall de entrada • Brinquedoteca 	<p>A casa possui 3 banheiros, sendo um masculino, um feminino e um misto, todos de livre acesso, com estrutura para banho e uso sanitário.</p> <p>O refeitório é uma área coberta de livre acesso, onde são feitas as refeições da comunidade. Conta com fogão à lenha que raramente é utilizado para preparação de refeições, pois seu uso é fundamentalmente ritual. O refeitório é uma área de estar, de reuniões e de apoio às cozinhas.</p> <p>A cozinha comunitária é o local onde se preparam as refeições da comunidade. Em dias de festas, chega a produzir 350 refeições diárias. Embora seja bastante funcional, a comunidade sonha em um dia ter equipamentos de melhor qualidade e em quantidade para produzir alimentos.</p> <p>A lavanderia localiza-se em área anexa à cozinha comunitária. Conta com infraestrutura modesta, mas que assegura a funcionalidade que a casa exige para dias em que há ritos de obrigações espirituais, quando este local é bastante</p>

	<p>demandado, pois as roupas brancas precisam estar muito bem lavadas, alvejadas, engomadas e bem passadas.</p> <p>O hall de entrada é uma pequena área que dá acesso ao salão de rituais. Embora seja uma área de livre circulação, nele há importantes fundamentos da tradição religiosa do Candomblé e da Umbanda. É o primeiro local a que um visitante tem acesso ao chegar à casa.</p> <p>Por fim, a <i>Brinquedoteca Dona Maria Izabel de Carvalho Pereira</i> é um espaço criado para o acolhimento de crianças do axé e as trazidas por visitantes em dias de festas ou atividades da casa. A brinquedoteca conta com material educativo, lúdico e recreativo que dialogam com os valores civilizatórios das religiões tradicionais de matriz africana.</p>
<p>Compartimentos de acesso aberto de uso ritualístico</p> <ul style="list-style-type: none"> • Salão de rituais • Pátio interno ou Pátio do Cruzeiro das Almas. 	<p>Nos dias de festas dedicadas aos Orixás, o salão é decorado de acordo com a temática da festa e recebe centenas de visitantes, que vêm ao local para participarem do louvor aos Orixás.</p> <p>Em dias de giras de Umbanda o salão ganha outra roupagem visual, com a criação de uma atmosfera adequada aos ritos dedicados aos ancestrais brasileiros.</p> <p>O ritual de Umbanda, que se inicia no salão em giras de Umbanda, tem sua continuidade no pátio interno, onde é possível se consultar com as entidades aos pés do grande Cruzeiro das Almas.</p>

	<p>Esta área é ainda, local de confraternização da comunidade religiosa e realização de rezas e louvores aos ancestrais indígenas e Boiadeiros da Umbanda.</p>
<p>Compartimentos de acesso restrito de uso ritualístico</p> <ul style="list-style-type: none"> • Roncó • Sabaji • Quartos de Orixás • Quarto dos Ancestrais • Quarto de Seu Tranca Ruas • Quarto dos Caboclos e Boiadeiros • Cozinha sagrada • Poço de Oxalá 	<p>O roncó é um dos locais mais sagrados do complexo templário. É o cômodo dentro do qual ocorrem os ritos de iniciação dos novos adeptos.</p> <p>Por sua vez, o sabaji é uma espécie de vestiário, onde os Orixás manifestados são acolhidos, vestidos, cuidados.</p> <p>A cassa possui diversos quartos de Orixás, que são cômodos onde ficam acomodados os assentamentos e paramentas sagradas de uso dos Orixás, quando manifestados. No quarto dos Ancestrais ficam os assentamentos dos grandes sacerdotes falecidos e no quarto de Seu Tranca Ruas, ficam os assentamentos do Exus e Pombagiras que protegem energeticamente o espaço sagrado. No quarto dos Caboclos e Boiadeiros ocorrem os ritos em homenagem à ancestralidade indígena, que faz parte das matrizes estruturantes da Umbanda.</p> <p>Assentamentos são receptáculos de madeira, argila, cerâmica ou pedra dentro dos quais são depositados elementos sagrados pertencentes aos orixás e, desta forma, passam a personificar materialmente a presença da deidade dentro do espaço sagrado. Uma vez sacralizados, os assentamentos são posicionados em altares conhecidos pelo</p>

	<p>nome de pejis e ali realizam-se cultos próprios de cada Orixás.</p> <p>Na cozinha sagrada são preparados os alimentos que serão ofertados aos Orixás e ancestrais. É de acesso restrito e todo que é preparado em seus fogões, segue protocolos muito específicos de organização, preparação, acomodação etc.</p> <p>Por fim, o poço de Oxalá está localizado no pátio interno e tem acesso limitado. É nele que se colhe a água sagrada que é utilizado na preparação de alimentos ritualísticos, banhos de limpeza espiritual e ritos de higienização energética do complexo templário. É ainda fundamental para o rito das Águas de Oxalá. Onde suas águas são retiradas para a lavagem dos assentamentos deste Orixá.</p>
<p style="text-align: center;">Atinssás</p> <ul style="list-style-type: none"> • Iroko • Apaoká • Outras árvores sagradas 	<p>Atinssás são árvores sagradas junto às quais determinados rituais são realizados. O culto ao Orixá Iroko, por exemplo, é realizado na grande gameleira branca plantada na parte dos fundos do terreno.</p> <p>Por sua vez, o culto à ancestralidade secreta das Yami Osoronga é realizado junto a uma grande jaqueira (apaoká), plantada próximo à entrada do terreiro. A casa possui ainda um obizeiro (árvore que produz a noz-de-cola, utilizada como oráculo), o ewe-issan-egungun (árvore africana cujos galhos são utilizados em rituais dedicados aos ancestrais) e as árvores do pátio interno, junto às quais ocorrem os atendimentos espirituais em giras de Umbanda. Todas essas árvores</p>

	<p>são sagradas. Não podem ser tocadas de forma aleatória, irresponsável.</p> <p>Nas calçadas, ou passeios, a casa mantém pés de fruta-pão, dendezeiros, goiabeiras e aroeiras. Todas essas plantas possuem função ritualística.</p>
<p>Praça dos Orixás</p>	<p>Esta área não pertence ao terreiro, mas é por ele utilizada e cuidada com zelo. Nos fundos do barracão está a área de compensação socioambiental do Loteamento Cidade Jardim. Esta área era muito agredida ambientalmente pelos moradores da região, que ali descartavam lixo e entulho de construção. A partir de 2015 o terreiro se juntou com um grupo de moradores para proteger a área e, desde então, a utiliza de forma sustentável para ações de ensino religioso, educação ambiental, rituais festivos em homenagem a Xangô e a família de Omolu. São 1.800 m² de área verde de uso sustentável protegida pelo templo, que a mantém limpa, organizada e ali planta ervas medicinais, ritualística e árvores. Nos fundos do terreiro há cultivos de ervas sagradas e de uso fitoterápico, além de bananeiras, eucaliptos, gameleira branca, bambuzal, árvores diversas.</p>

Fonte: Memorial descritivo do Axé Olorigin (2024).

Figura 14: Planta baixa do templo (2024).



Na tradição do Candomblé Ketu, após a construção do barracão, deve-se realizar uma série de procedimentos de sacralização, comumente chamados de “plantio do axé”. Desta forma, entre os dias 12 e 14 de dezembro de 2014, o Babá Mauro T’Osun (Axé Ypondá) chegou em Ituiutaba para officiar os rituais de sacralização, que após finalizados, permitiram o início dos ritos de cultos aos Orixás e outras divindades africanas, além de entidades da Umbanda.

A fundamentação da casa se deu em etapas. Ao longo do ano de 2018, novos fundamentos foram introduzidos pelo Babá Vitinho T’Oxóssi, trazendo mais identidade para a casa, adequando suas referências, rituais e assentamentos ao padrão do Axé Oxumarê. Os ilê ojubó (quartos de Orixás) foram aos poucos sendo finalizados.

A casa conta com os seguintes ambientes: Quarto de Alaketu, quarto de Oxóssi e Ogun, quarto de Xangô, Y’Obá e Iansã, quarto da família Akerejebi, quarto de Yemonjá e Ori, quarto de Oxalá e Ayrá, quarto de Oxolufã, quarto das Yabás, e ainda Ilê Ibo akú, Atinssá Iroko, quarto do Exu Tranca Ruas da Macaia, o cruzeiro das almas, o poço de Oxolufã e, por fim, o quarto do Caboclo Ubirajara e dos boiadeiros.

Possui área de lavanderia, cozinha dos orixás, cozinha da comunidade, sabaji, 3 banheiros, vestiário, roncó, quarto do Babá Kekerè e o grande salão comunal, onde ocorrem os rituais públicos.

Em 2022, ocorreu a organização da área externa localizada nos fundos da área privada. Trata-se de uma área verde, de uso sustentável para fins ritualísticos, onde se cultivam ervas medicinais, ervas decorativas de uso ritual, ervas sagradas e, ainda, se plantou algumas árvores. Este é, ainda, um espaço de

socialização e convivência dos adeptos do terreiro e de recreação para crianças durante os trabalhos da casa.

Figuras 15 e 16: Praça dos Orixás: área externa recuperada ambientalmente, adjacente ao templo.



Fonte: Acervo do Axé (2024).

ESPAÇO SAGRADO E CULTURA IMATERIAL: O TERREIRO COMO TERRITÓRIO DAS FESTAS E DAS CELEBRAÇÕES ANCESTRAIS

O TERREIRO DE Candomblé, como espaço comunitário sagrado, é um território religioso, social, cultural, político e de resistência que mantém viva a memória coletiva afro-brasileira.

Reconstruir as famílias destroçadas pela escravidão, ainda que de forma simbólica, sempre foi um ato político de repatrimonialização. A *família de axé* em si constitui grande conquista do povo afrodescendente e das pessoas de outras etnias que se somaram a eles na construção dessa religião. A comunidade de terreiro ensina a todos a viver e pensar coletivamente em comunhão com a natureza e com os saberes ancestrais. Reza-se juntos, dança-se juntos, a alimentação é coletiva, etc. Na casa de axé tudo é organizado para que todos e todas possam se sentir em uma coletividade ainda que com todas as suas contradições e dificuldades. Afinal de contas, superar a imposição macrocultural que nos ensina o individualismo, não é tarefa fácil.

A *alimentação* é uma das características mais marcantes das religiões tradicionais de matriz africana. Quando o tema é o alimento, devemos levar em consideração algumas categorias que fazem parte da identidade alimentar do povo de axé: comida comunitária, comida das divindades e entidades e comidas para rituais iniciáticos e obrigações religiosas. Esses três grandes grupos de alimentos são ricos em traços culturais e identitários.

A comida comunitária é preparada na cozinha comunitária, onde os pratos do dia-a-dia são preparados para a alimentação dos membros da comunidade: arroz, feijão, carnes

(porco, peixes, frango e bovina), saladas diversas, macarronadas, farofas etc. Também na cozinha comunitária se prepara a comida de pessoas que estejam passando por ritos iniciáticos ou tomando suas obrigações por tempo de iniciação. Neste caso, os alimentos são preparados seguindo as recomendações sacerdotais quanto ao que servir e como preparar.

Por fim, as comidas destinadas às oferendas a Orixás e entidades são preparadas em uma cozinha separada, onde somente esses alimentos são produzidos seguindo-se rituais que fazem parte do Candomblé desde sua fundação entre o final do século XVIII e início do século XIX. Ao todo, são mais de 100 receitas ancestrais que os mais velhos ensinam cotidianamente às novas gerações de cozinheiros e cozinheiras.

Figura 17: Cozinha comunitária: alimentação cotidiana da comunidade



Figura 18: Cozinha de axé: comidas sagradas: culinária dos Orixás e entidades.



Fonte: Acervo do Axé (2024).

A *hierarquia e o corpo de cargos* são outros e traços culturais dignos de registro. Na hierarquia do clã espiritual que constitui a comunidade, há membros vivos e mortos, visíveis e invisíveis. No caso do Axé Obatalá, o Orixá Oxalá (ou Obatalá, ou Oxolufã como também é chamado), é nosso rei máximo, o patrono do axé, dono do terreno, do terreiro, pai espiritual de todos os filhos da casa. Todos os participantes dessa comunidade (vivos e mortos) lhe rende homenagens e o celebra como o grande patriarca do clã. Portanto, quando falamos em hierarquia, devemos considerar que essa se manifesta entre os vivos e os desencarnados, o que é bem peculiar das religiões tradicionais de matriz afro-brasileira. Do ponto de vista espiritual, além de Pai Oxalá, outras duas entidades governam a casa: Pai Joaquim de Aruanda é o mentor superior das giras de Umbanda e o Sr. Tranca Ruas da Macaia é o dirigente das giras de Exus e Pombagiras. A comunidade terrena (encarnada) é dirigida pelo sacerdote: o Babalorixá. Este, seguindo as recomendações oraculares, pode nomear diversos cargos na casa, dando responsabilidades específicas para algumas pessoas que exercem papel de liderança.

Importante destacar que Babá Anderson T'Oxalá, sacerdote do Axé defende a política de nomear pessoas que representem liderança e diversidade: homens e mulheres heterossexuais, homens e mulheres homossexuais, homens e mulheres transgêneros(as), negros e negras, pessoas com deficiências, indígenas, etc. O quadro hierárquico de cargos ainda é pequeno, mas deverá ser expandido nos próximos anos.

O território como patrimônio simbólico-cultural torna-se algo relativo para a formação de um ser humano integral e de uma coletividade verdadeira. O território traz para a comunidade a sensação de pertencimento a uma totalidade integrada (CASTRO, 2014). É nele que as relações de ordem e hierarquia são

estabelecidas para que a família de axé possa funcionar adequadamente. O território, na concepção africana e na concepção dos povos originários do Brasil possui uma dimensão espiritual. Não se trata apenas de uma extensão de terra. Ele possui identidade, distingue-se dos demais territórios pela sua personalidade, pelo seu conteúdo humano e não-humano. Tem sua natureza e seu próprio destino. Neste sentido, o território é vivo, é dinâmico e faz parte da constituição social. Não é um mero palco onde tudo acontece, ao contrário, é também sujeito da história dada a sua dimensão simbólica.

Figura 19: Espaço sagrado: Pátio onde ocorre parte das giras de Umbanda, com casa de Caboclos e Cruzeiro das Santas Almas.



Fonte: Acervo do Axé (2024).

Os rituais (da Umbanda e do Candomblé) desempenham um papel crucial na conexão entre o Brasil do tempo presente com suas raízes africanas e indígenas. Os terreiros não só preservam práticas religiosas, mas também funcionam como centros de

resistência cultural e social. Por meio do culto aos Orixás, o Candomblé celebra a ancestralidade, a natureza e a comunhão entre o sagrado e o mundo material. Essa ligação com o passado africano fortalece a identidade e o orgulho das comunidades afro-brasileiras, ajudando a combater o racismo e a intolerância religiosa, ao mesmo tempo que promove o respeito à diversidade cultural no país. Por meio da Umbanda, o terreiro possibilita um culto de amor e devoção às almas, o que também é uma forma de culto à ancestralidade brasileira. Destacamos que a Umbanda possui matriz africana (sobretudo dos povos Bantu e Yorubá) e muitos traços culturais indígenas, o que a torna bastante diversa e próxima da identidade popular brasileira.

Figura 20: Candomblé: exemplo de ato ritual em função de Orixá.



Figura 21: Umbanda: Exemplo de ato ritual em Gira.



Fonte: Acervo do Axé (2024).

As roupas e idumentárias no Candomblé possuem um significado profundo e estão diretamente ligadas ao caráter sagrado dos rituais e à identidade dos praticantes. Cada Orixá ou

entidade tem sua cor e estilo de vestimenta específico, que representam seus atributos, poderes e elementos da natureza. O uso dessas vestimentas, confeccionadas com tecidos e ornamentos específicos, não é apenas uma questão estética, mas uma forma de reverência e conexão com as divindades. Além disso, as roupas no Candomblé também marcam a hierarquia e os graus de iniciação dentro dos terreiros, desempenhando um papel central na expressão da cultura afro-brasileira e na preservação de suas tradições religiosas.

Figuras 22 e 23: O vestuário e os adereços são utilizados de acordo com ao gênero, a ocasião ritualística e o grau hierárquico do adepto.



Fonte: Acervo do Axé (2024).

A musicalidade no Candomblé é essencial para a comunicação com os Orixás, funcionando como um elo entre o mundo material e o espiritual. Os cânticos, conhecidos como pontos, e os toques dos atabaques seguem ritmos e melodias que invocam as divindades, criando a atmosfera sagrada dos rituais. Cada ritmo e canção possui uma função específica, desde o chamado das entidades até a celebração e agradecimento por suas bênçãos. A música guia os movimentos dos praticantes durante as danças e favorece o estado de transe, permitindo que os Orixás se manifestem. Além disso, ela ajuda a preservar e transmitir as tradições orais.

Figuras 24 e 25: Instrumentos sagrados e musicalidade ancestral.



Fonte: Acervo do Axé (2024).

As artes e a produção intelectual são muito variadas dentro de uma casa de axé. O terreiro é um espaço de guarda de expressões artísticas das mais diversas: esculturas, pinturas, literatura, artesanato, performances cênicas, etc. No Ilê Àse Tobi Obatalá encontramos dezenas de obras de arte que refletem os saberes e fazeres das artes legadas pelos ancestrais, sobretudo na forma de objetos de decoração.

Por fim, convém dizer que as manifestações religiosas possuem um *calendário litúrgico* com festas e celebrações específicas para cada Orixá. As festas são ocasiões de grande importância, nas quais são realizados rituais, danças e oferendas para honrar os Orixás. Essa ritualística festiva também é seguida pela Sociedade Cultural e Religiosa Ilê Àse Tobi Obatalá, o que traz para a Ituiutaba do tempo presente, festividades datadas do início do século XIX.

Em 2016, Babá Vitinho T'Oxóssi introduziu a primeira festa das Yabás, com *ipeté de Oxun* (distribuição do alimento sagrado de Oxun) e o *lagburè* (balaio ofertado como presente à divindade) na ritualística da casa. Desde então, as obrigações anuais em homenagem às Orixás femininas são celebradas entre novembro e dezembro de cada ano. Em 2017, foi a vez da festa de Ogun e Oxóssi, também celebrada pela primeira vez por pai Vitinho T'Oxóssi. A festa conta com atos de distribuição do pão de inhame e frutas para os convidados e desde esse ano, é celebrada no mês de abril, geralmente após o fim da Semana Santa.

No Candomblé, o mais velho ensina ao mais novo e toda sabedoria precisa ser outorgada. Por esta razão é que o sacerdote Babá Vitinho T'Oxóssi veio de Uberaba para introduzir as festividades e, assim, outorgar ao Babá Anderson T'Oxalá o

direito de celebrar anualmente os festejos que precisam ser fiéis ao modo como as festas são realizadas há quase 200 anos.

Em 2018, Pai Vitinho celebrou o primeiro *Olubajé* da casa (Celebração dedicada à Obaluaye), inserindo também os atos do *Sabejé*, rito que antecede o Olubajé, quando se distribui pipocas para os participantes que vêm à casa para trazer doações para a festa. A festividade em homenagem à família do Orixá Obaluaye é realizada sempre no mês de setembro, enquanto o *Sabejé* é realizado nas quatro segundas-feiras que antecedem o grande banquete do Orixá. Em 2019 a festa de Xangô, Oyá, Obá e Fogueira de Ayrá foi realizada pela primeira vez, também oficiada por Babá Vitinho T'Oxóssi e, desde então, esta festividade é celebrada entre os meses de junho e julho de cada ano.

Por fim, em fevereiro de 2020 Babá Vitinho T'Oxóssi inseriu a última festa de calendário do axé: as *Águas de Oxalá*, que desde 2021, como já afirmado anteriormente, é celebrada no primeiro final de semana de agosto de cada ano. Além das festas do calendário litúrgico do Candomblé, a casa possui mais três celebrações fixas: festa do Exu Tranca Ruas, geralmente na terceira semana de fevereiro, festa das crianças – *Caruru de Ibeji*, realizada sempre em outubro, e festa dos Boiadeiros e Caboclos (último dia de atividades da casa em dezembro). Como as festas não podem ser fotografadas, por serem de extrema sacralidade, apresentaremos apenas algumas imagens representativas das mesmas.

Figuras 26 a 30: Babá Vitinho T'Oxossi, e Babá Anderson T'Oxalá no centro da imagem, com os filhos e amigos da casa, antes da celebração da tradicional festa Águas de Oxalá em 2024.



Fonte: Acervo do Axé (2024).

Figuras 31 a 34: A Festa do Exu Tranca Ruas em fevereiro de 2024, celebrada junto com o aniversário do sacerdote.



Fonte: Acervo do Axé 92024).

Em 18 de fevereiro de 2022, o Axé Obatalá teve a honra de receber a ilustríssima visita da comitiva do Axé Oxumarê, nossa casa matiz localizada em Salvador (BA), e ser abençoada pelo Babalorixá e *Oloriegbé* Pai Pecê de Oxumarê. Receber o nosso mais alto sacerdote foi, sem dúvidas, um marco na história da casa de Oxalá em Ituiutaba. Em 2023 Babá Pecê retornou à Ituiutaba e mais uma vez veio nos visitar, desta vez no dia 22 de setembro, o que nos encheu de alegria em meio aos preparativos para nossa festa do Olubajé.

FFiguras 35 a 37: Visita da comitiva de Babá Pecê de Oxumarê em 2022.



Fonte: Acervo do Axé.

GALERIA DE CARGOS DO ILÈ ÀSÈ TOBI OBATALÁ

Figuras 38 a 50: Galeria de Cargos do Axé.



*Babalarixá
Capelão Dr. HC. Babá
Anderson T'Oxalá*



*Cargo: Babá Kekerè
Egbon Colignon T'Oxumarê*



*Cargo: Babá Egbé
Egbon Héllisson T'Oxóssi*



*Cargo: Sobaloju
Ogan Douglas T'Xangô*



*Cargo: Yamorò
Egbon Jaqueline T'Iansã*



*Cargo: Yabassé
Egbon Natália T'Oxun*



*Cargo: Babá Efún
Egbon Jonas T'Oxalá*



*Cargo: Alagadá
Ogan Dereck T'Ogun*



Cargo: Elemoşó
Ogan Thales T'Oxoguiã



Cargo: B. Olorò
Egbon Rayka T'Iansã



Cargo: Alagbwi
Ogan Jefferson T'Sangò



Cargo: Otun Alabawi
Ogan Tarcísio T'Sangò



*Cargo: Onibodè
Egbon Bruno T'Oxóssi
Fonte: Acervo do Axé*

AÇÕES SOCIAIS, CULTURAIS E EDUCACIONAIS DESENVOLVIDAS PELA SOCIEDADE CULTURAL E RELIGIOSA ILÈ ÀSE TOBI OBATALÁ

Desde a criação da Sociedade em 2013, esta vem sendo reconhecida de diversas formas pela coletividade no Triângulo Mineiro. Em 2014, por exemplo, A Federação Espírita, Umbandista e Candomblé de Minas Gerais nos concedeu o certificado de afiliação, entendendo que a casa cumpre com todos os requisitos básicos de trabalho religioso e social esperado de uma instituição de Religião Tradicional de Matriz Africana. O certificado foi entregue no Campus Santa Mônica da Universidade Federal de Uberlândia durante um evento acadêmico sobre religiões afro-brasileiras.

Figura 51: Certificação da Federação Espírita, Umbandista e Candomblé de Minas Gerais em 2014.



Fonte: Arquivos do Axé (2024).

Em 2015 e em 2017, Babá Anderson t'Oxalá, recebeu em seu nome e em nome da Sociedade Cultural e Religiosa Ilê Àse Tobi Obatalá, certificados de “Menção de Aplauso” concedida pela Câmara dos Vereadores do Município de Uberlândia, MG. Em ambas as situações, além da homenagem pessoal ao sacerdote, homenageou-se ainda o papel social, cultural e humanitário que as casas de Umbanda e Candomblé exerce na comunidade onde se localiza.

Figura 52: Menção de Aplauso da Câmara de Vereadores de Uberlândia em 2015.



Figura 53: Menção de Aplauso da Câmara de Vereadores de Uberlândia em 2017.



Desde 2017 o Babá Anderson T'Oxalá integra o corpo de conselheiros da Fundação Zumbi dos Palmares. É ainda, desde 2015, presidente da seção Minas Gerais do Instituto Ganga Zumba, que milita em favor dos Direitos Humanos e da igualdade racial.

Figura 54: Atuação do sacerdote junto ao corpo de conselheiros da Fundação Zumbi dos Palmares, em Ituiutaba.



Fonte: Arquivos do Axé (2024).

O terreiro foi a sede do **Instituto de Mobilização e Estudo Afro-Brasileiro Gamga Zumba** em Minas Gerais entre 2015 e 2024. Trata-se de organização (pessoa jurídica de direito privado) sem fins lucrativos, sem vinculação político-partidária, que tem como finalidade: combater o racismo, combater a discriminação racial e preconceitos em qualquer esfera e, ainda, atuar de nas questões étnico-raciais...

promovendo a cultura e arte de forma democrática, a defesa dos direitos humanos, a valorização e ampliação da educação em todos os níveis, estímulo a prática esportiva, equidade entre gêneros, o protagonismo geracional, estimulando práticas sustentáveis de proteção ao meio ambiente,

resgatando as tradições, cultura e história das comunidades tradicionais de matrizes africanas, reconstruindo a memória social e coletiva e a história da população negra (...) do Brasil⁵.

Figura 55: Logomarca do Instituto Ganga Zumba



Fonte: Acervo do Axé (2024).

A Sociedade Cultural e Religiosa Ilê Asé Tobi Obatalá tem como um dos seus objetivos o incentivo à produção intelectual, artística, literária e científica de base social, como formas de promover o desenvolvimento integral da coletividade ituiutabana. A instituição, além de abrigar atividades religiosas, abriga ainda uma série de ações de promoção do bem-estar social, sobretudo nas áreas de educação ambiental, orientação para a saúde coletiva e incentivo à educação inclusiva e para a diversidade.

⁵ Disponível em: <https://gangazumbabr.wordpress.com/> Acessado em 10/set./2024

Editora Barlavento

A criação de um braço editorial foi, desde o princípio, um propósito da Sociedade Cultural e Religiosa Ilê Àsè Tobi Obatalá. A Editora Barlavento foi criada com as seguintes linhas editoriais: Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Ciências da Saúde, Ciências Exatas e da Terra, Linguística, Letras e Artes e Multidisciplinar. As coleções de Religião, Geografia e Meio Ambiente, Educação e Turismo são, sem dúvidas, as mais relevantes.

Esse é inequivocamente o projeto social de maior impacto em escala, pois todas as obras são disponibilizadas gratuitamente pela internet. Além disso, os custos de produção, que são arcados pelos autores são mínimos, pois a Editora Barlavento tem por missão dar oportunidade de publicação para autores de baixa renda.

Figura 56: Logomarca da Editora Barlavento



Fonte: www.editorabarlavento.com.br

Quadro 3: Acervo publicado pela Editora Barlavento entre 2014 e 2024.

ÁREA DE CONHECIMENTO	OBRAS PUBLICADAS COM ACESSO AMPLO, IRRESTRITO E GRATUITO www.editorabarlavento.com.br
CIÊNCIAS DA SAÚDE	Educação física e felicidade
CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA	Paisagens
	Geomorfologia do tecnógeno e antropoceno
	Espaço Geográfico e dinâmicas ambientais: uso e apropriação dos recursos ambientais no centro-norte do Brasil
	Amazônia
	Microbiologia do Solo e Sustentabilidade Ambiental
	Chapada Diamantina
	Agricultura familiar
	Debates sobre o rural
	Questões Agrárias em Foco
CIÊNCIAS HUMANAS	Espaço, cultura e memória na religiosidade popular brasileira
	Espaço e cultura na religiosidade Afro-brasileira
	Territorialidades da fé
	Religiosidade Popular
	A força da fé
	Minha Aruanda canta
	Narrativas da Fé
	Contos de uma África Mítica
	Linguagem do Cotidiano Pedro, o menino umbandista

	Plantando Axé
	Meu povo de fé
	Espaço Sagrado, Fé e Ancestralidade
	Heterotopia e Mito como componentes na Agenda 21 de Municípios Capixabas
	Peirópolis
	Geografia e Dilemas da Contemporaneidade
	Escrevivências Baobás
	Geografia, Cultura Alimentar e os sabores do Brasil Central
	Olhares geográficos sobre a organização do espaço
	Desenvolvimento Rural
	Arerês e Fuzuês
	Geografia, Pandemia e os desafios da reinvenção do mundo vivido
	Territórios, identidades e alteridades
	Perspectivas Geográficas
	Diálogos e práticas no campo da pesquisa qualitativa
	Expansão do Ensino superior e Desenvolvimento Local-Regional
	Obra-prima da Amazônia
	Balbúrdia Geográfica: natureza, produção, uso e apropriação do espaço no campo e na cidade.
	Estudos Urbanos Contemporâneos
	Geofilosofia
	Desenvolvimento Local e Combate à pobreza em África Ocidental
	Perspectivas contemporâneas filosofia da libertação e filosofia africana
	Geografia Brasileira
	Imaginário urbano e representações da paisagem no cinema contemporâneo

	Ritmos e Cores Do Catolicismo negro em Ituiutaba
	Os Planos Diretores
	Geografia Humana Del Bajo Río Doce
	A Conferência da Terra
	O Capital Natural na Economia Global
	Leituras Geográficas
	Potencialidades do Bioma Caatinga
	Caminhos da Produção Geográfica
	Estudos da Geografia Agrária no Cerrado Mineiro e Sudeste Goiano
	Inquietações Geográficas
	Educação e Transformação Social
	Perspectivas Decoloniais
	Educação - da Consciência cidadã à resistência democrática
	Educação e Diversidade
	Extensão Universitária
	Reflexões Contemporâneas Dialogando Saberes
	Inclusão da Diversidade no Espaço Escolar
	Princípios Básicos da Identificação, classificação e informatização de práticas educativas
	Educação em Perspectiva
	Múltiplos olhares sobre Educação
	Políticas Educacionais de Educação Especial e Inclusiva
	A proposta de democratização da Educação na rede municipal de Ensino de Uberlândia-MG
	Infância olhares que se entrecruzam
	Prática Educativa e Estágio supervisionado
	Prática Educativa e Estágio supervisionado vol. 1

	Formação docente, políticas e história
	Diálogos do PIBID com as escolas do-no campo
	Reflexões Contemporâneas dialogando saberes vol. 1
	Parcerias no contexto escolar
	Extensão universitária 1
	Práticas educativas e estágio supervisionado dimensões na formação docente
	História, política e práticas educativas
	Reflexões Contemporâneas Dialogando Saberes vol. 2
CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS	Turismo e Lazer na reconstrução econômica pós-pandemia
	Turismo e Saúde Global - Pandemia, pandemônio e novos rumos para o setor no brasil e no mundo
	Sustentabilidade e turismo em comunidades
	Desafios e dinâmicas espaciais no turismo receptivo
	Territorialidades do turismo
	Cultura, Natureza e Saberes na dinâmica territorial do turismo
	Turismo Sertanejo - Patrimonio Cultural e Realidade Social em comunidades
	Turismo Sertanejo - a comunidade, o lugar e os saberes locais
	Turismo e aquecimento Global
	Agroturismo e desenvolvimento regional
	Ribeirão São Vicente
	Turismo, território e patrimônio histórico-cultural
Ecoturismo e turismo de aventura em Tianguá	

	A Natureza e o Patrimônio na Produção do lugar Turístico
	Zonas Livres
	Agroturismo e desenvolvimento regional - 3ª edição
	Água e Gênero
	Água e Gênero 2
	Diferenças e Territorialidades na Cidade
	História, práticas sociais e gestão das-nas cidades
	Cidades e estudos organizacionais
	Qualidade de Vida no Trabalho
	Pessoas Trabalho e Organizações
	Direito do trabalho
	Interdisciplinaridade no campo das ciências Sociais Aplicadas
LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES	Conhecimentos em Arte
	Música Contemporânea Brasileira
MULTIDISCIPLINAR	Dimensões e interfaces do Rural
	(Inter)ligando saberes
	Tambores, urucuns e enxadas
	A multiplicidade da Pesquisa na Universidade
Fonte: Disponível em: https://editorabarlavento.com.br/ Acessado em 10/Set./2024.	

Brinquedoteca Maria Izabel de Carvalho Pereira

Em 2023 a comunidade do terreiro inaugurou a *Brinquedoteca Maria Izabel de Carvalho Pereira*. O espaço leva o nome da mãe do sacerdote, que é escritora infantil de temas

ligados à Umbanda Cristã. O espaço é utilizado por algumas iniciadas do axé e parceiras da casa (educadoras e recreadoras) que realizam um importante papel no acolhimento de crianças no terreiro, sobretudo durante as giras de Umbanda e funções diurnas internas. Além de oferecerem um espaço adequado para a recreação infantil, a brinquedoteca é a sede do “Projeto Caburé”, empreendido em parceria com o curso de Pedagogia do ICHPO/UFU, e que é uma oportunidade importante para se trabalhar ludicamente os valores civilizatórios da religiosidade afro-brasileira e, ainda, a educação infantil antirracista.

Figuras 57 a 60: Brinquedoteca Maria Izabel de Carvalho Pereira.



Fonte: Acervo do Axé (2024).

**PROJETOS SOCIAIS / PROJETOS DE DE EXTENSÃO
DESENVOLVIDOS PELA UNIVERSIDADE FEDERAL
DE UBERLÂNDIA EM PARCERIA COM A SOCIEDADE
CULTURAL E RELIGIOSA ILÈ À SE TOBI OBATALÁ**

Quadro 4: Atividades Extensionistas da parceria UFU/Terreiro.

Projeto	Ano	Resumo
I Seminário Diversidade, Cultura Afro-Brasileira e Questões Etnicorraciais na Atualidade"	2014	Este evento pretende trazer os militantes de religiões afro-brasileiras para dentro da Universidade para discutir questões relacionadas à religiosidade e às questões etnicorraciais na educação. Para isto, deseja-se apresentar distintos olhares de sujeitos sociais que de forma direta atuam na militância pela liberdade religiosa e pela implantação efetiva da Lei 10.636/03. Muito se discute sobre as questões acadêmicas que envolvem estas temáticas, mas as comunidades de terreiros precisam ser ouvidas sobre o que têm a dizer desta Lei e sobre o do atual modelo de ensino religioso que se faz presente nas escolas. Em suma,

		o evento pretende por sob a mesma discussão, os acadêmicos e os religiosos, para que propostas surjam deste encontro.
II Seminário Diversidade, Cultura Afro-Brasileira e Questões Etnicorraciais na Atualidade"	2015	O evento pretende trazer personalidades que possam falar sobre educação e questões etnicorraciais; Políticas Públicas para as Comunidades Tradicionais; Cultura Afro-Brasileira e Diversidade e território. Deseja-se, com isso, apresentar distintos olhares de sujeitos sociais que de forma direta atuam na militância pelos direitos humanos, com vistas à implantação efetiva da Lei 10.639/03 e legislação complementar. Isso porque muito se discute sobre as questões acadêmicas que envolvem estas temáticas, mas as comunidades precisam ser ouvidas sobre o que têm a dizer desta Lei e sobre o atual modelo de ensino que se faz presente nas escolas. Em suma, o evento pretende pôr sob a mesma discussão, os acadêmicos, militantes políticos e os cidadãos interessados, para que propostas surjam deste encontro.

<p>Curso de introdução aos toques, cânticos e danças ritualísticas do Candomblé.</p>	<p>2017</p>	<p>Curso que introduz os cursantes no universo artístico do Candomblé, por meio dos ritmos mais tocados e dançados nessa religião tradicional. O curso trata o tema como parte de um longo e complexo aprendizado, durante o qual os futuros professores aprendem sobre as tradições afro-brasileiras e desenvolvem habilidades musicais, de expressão corporal e de musicalidade. Com isso, o curso almeja contribuir para a minimização do preconceito religioso e mostrar a rica herança cultural dos povos tradicionais de matriz africana.</p>
<p>Plantando Axé I: do lugar sagrado ao território da militância e da resistência cultural.</p>	<p>2017</p>	<p>Projeto de extensão realizado em parceria com a Sociedade Cultural e Religiosa Ilê Àse Tobi Obatalá, localizada no bairro Cidade Jardim, em Ituiutaba. O projeto conta com o apoio do Instituto Ganga Zumba (Seção MG) e visa trabalhar temas de mobilização para a cidadania com comunidades tradicionais de matrizes africana e afro-brasileira. Foca-se na promoção à saúde, proteção</p>

		ambiental na bacia hidrográfica do Córrego dos Barus (Ituiutaba, MG), incentivo às iniciativas de educação popular no entorno dos terreiros ações de combate ao racismo e à intolerância religiosa.
Estágios de vivência - Minha Aruanda Canta: tambores, saberes e tradições musicais afro-brasileiras na perspectiva da educação para as relações étnico-raciais. PEIC 2018-2020.	2018	O projeto que ora se apresenta tem como objetivo contribuir na formação continuada de lideranças populares e professores em atuação nas escolas de Ituiutaba e região, bem como de estudantes dos cursos de Licenciatura do campus Pontal. Tal ação visa à implementação das leis 10.639 e 11.645, cujo cumprimento efetivo ainda se constitui um desafio às escolas no que concerne a construção de práticas concernentes com uma educação para as relações étnico-raciais. A partir de estágios de vivência em comunidades tradicionais de matriz afro-brasileira (o que encontra respaldo na literatura produzida na área sobre o ensinar e aprender nessa perspectiva), pretende-se que os docentes e discentes envolvidos produzam e implementem em suas unidades escolares projetos de

		<p>intervenção relativos á temática, sob orientação e acompanhamento da equipe executora. Os resultados e reflexões deverão ser apresentados em um seminário, sendo também incentivadas a divulgação em publicações e participação em eventos acadêmicos da área. Em relação às lideranças populares, entende-se ser necessário mobilizá-las a partir de uma ação descolonizadora do pensamento, para assumam papel de protagonismo em seus espaços de atuação, municiaadas por saberes ancestrais legados pelos povos tradicionais de matriz afro-indígena.</p>
<p>Ilê Àse - Registro fotográfico e descrição memorial das tradições do Candomblé Ketu em Ituiutaba, MG.</p>	<p>2018</p>	<p>Projeto de extensão realizado em parceria com a Sociedade Cultural e Religiosa Ilê Àse Tobi Obatalá, localizada no bairro Cidade Jardim, em Ituiutaba. O projeto conta com o apoio do Instituto Ganga Zumba (Seção MG) e visa produzir um registro documental fotográfico com memorial descritivo das tradições do Candomblé de raiz Ketu na cidade de Ituiutaba, MG.</p>

<p>1º Encontro Vivência Cultural: os saberes da velha guarda e homenagens aos grandes Mestres da Capoeira.</p>	<p>2019</p>	<p>O evento tem como proposta reunir os novos praticantes da capoeira no Pontal do Triângulo Mineiro com os grandes mestres de saberes desta expressão de arte e cultura, como forma de incentivar a perpetuação dos conhecimentos e vivências da Capoeira. Encontros desta natureza são relevantes para valorização da cultura afro-brasileira e para o resgate do protagonismo social dos ancestrais negros que desenvolveram essa arte no Brasil.</p>
<p>Ancestrais de Aruanda: resgate memorial das cantigas tradicionais de um terreiros de Umbanda de Ituiutaba, MG.</p>	<p>2019</p>	<p>O evento tem como proposta reunir os novos praticantes da capoeira no Pontal do Triângulo Mineiro com os grandes mestres de saberes desta expressão de arte e cultura, como forma de incentivar a perpetuação dos conhecimentos e vivências da Capoeira. Encontros desta natureza são relevantes para valorização da cultura afro-brasileira e para o resgate do protagonismo social dos ancestrais negros que desenvolveram essa arte no Brasil.</p>

<p>Estágios de vivência: cultura afro-brasileira e educação para as relações étnico-raciais.</p>	<p>2019</p>	<p>O projeto que ora se apresenta é parte de uma ação maior cujo objetivo é contribuir na formação continuada de professores em atuação nas escolas de Ituiutaba e região, bem como de estudantes dos cursos de Licenciatura do campus Pontal. Tal ação visa à implementação das leis 10.639 e 11.645, cujo cumprimento efetivo ainda se constitui um desafio às escolas no que concerne a construção de práticas concernentes com uma educação para as relações étnico-raciais. Na etapa a ser executado com fomento do PEIC 2019-2020, a partir de estágios de vivência em comunidades tradicionais de matriz afrobrasileira (o que encontra respaldo na literatura produzida na área sobre o ensinar e aprender nessa perspectiva), pretende-se que os docentes e discentes envolvidos produzam e implementem em suas unidades escolares projetos de intervenção relativos á temática, sob orientação e acompanhamento da equipe executora do PEIC. Os resultados e reflexões deverão</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		ser apresentados em um seminário, sendo também incentivadas a divulgação em publicações e participação em eventos acadêmicos da área.
Que barulho é esse? Capoeira, tradição e o despertar de um novo pertencimento sociocultural na periferia de Ituiutaba.	2019	Por meio de uma parceria entre agentes de promoção da cultura popular, a Capoeira e suas tradições foi levada para algumas comunidades do setor sul de Ituiutaba de forma gratuita e orientada por mestres nesse saber ancestral. Duas vezes por semana os professores de capoeira se reúnem na sede da Sociedade Cultural Axé Olorigin, em Ituiutaba, para dar aulas para crianças, jovens e adultos interessados nessa forma de arte, dança e defesa pessoal. A Roda de Capoeira é uma tradição brasileira, que teve origem na cultura africana, provavelmente no Quilombo dos Palmares. Foi registrada como bem cultural pelo IPHAN em 2008, com base em inventário realizados nos estados brasileiros considerados berços dessa tradição: Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro. Em novembro de 2014, a Capoeira recebeu o título de Patrimônio Cultural

		Imaterial da Humanidade concedido pela UNESCO.
Educação para as relações étnico-raciais: temas recorrentes e emergentes na abordagem escolar.	2020	Palestras de formação continuada de professores da rede estadual de ensino de Minas Gerais. Temas como a cultura afro-brasileira, a cultura indígena e a questão emergente dos refugiados no Brasil são abordados como forma de provocar os professores e incentivá-los a trabalhar temas étnico-raciais em sala de aula. Uma atenção especial será dada às questões negras, devido às comemorações do mês da Consciência Negra no Brasil.
III Seminário Diversidade, Religiosidade Afro-Brasileira e Questões Étnico-Raciais na Atualidade.	2020	Este evento encerra um ano de atividades de um projeto de extensão pioneiro, no qual um grupo de professores das redes pública e privada de ensino tiveram a oportunidade de vivenciarem a cultura religiosa afro-brasileira em uma comunidade de terreiro, como forma de superarem os preconceitos contra as religiões tradicionais de matriz africana. Agora, no final do processo, o evento oportunizará a socialização das experiências, assim como contato com estudiosos de temas relacionado à vivência. Serão

		<p>três dias nos quais os relatos de experiências serão realizados e palestras serão ministradas de forma livre, gratuita e pública por meio de plataformas virtuais. Com isso, pretende-se atingir um público amplo, formado por professores, estudantes, pesquisadores e religiosos.</p>
<p>Redes de cooperação, produção e consumo solidário em comunidades religiosas tradicionais de matriz africana no Triângulo Mineiro</p>	<p>2020</p>	<p>Vídeo (documentários) apresentando a ideia de desenvolvimento local e de baixo circuito da economia. Tem por objetivo mostrar que os terreiros de religiões de matriz africana funcionam como espaços de aglutinação ou encubação de empreendimentos. As atividades produtivas individuais e coletivas existentes nas comunidades de terreiros funcionam como estratégias de sobrevivência de muitas famílias adeptas ao Candomblé e à Umbanda. Para tanto, gravamos dez vídeos com professores que discutem conceitos de Geografia econômica e depoimentos de praticantes da Umbanda e do Candomblé no Triângulo Mineiro, mostrando seu trabalho e formas de sustento</p>

		financeiro. Observamos que há uma ampla rede de cooperação, produção e consumo em sistema de solidariedade nos terreiros, o que resulta efetivamente em renda para centenas de famílias.
Plantando axé II - revisitando antigos saberes e reafirmando a afetividade como um valor civilizatório em territórios religiosos de matriz africana. PEIC 2019-2020.	2021	O projeto que ora se apresenta tem como objetivo contribuir na formação continuada de lideranças populares e professores em atuação nas escolas de Ituiutaba e região, bem como de estudantes dos cursos de Licenciatura do campus Pontal. Tal ação visa à implementação das leis 10.639 e 11.645, cujo cumprimento efetivo ainda se constitui um desafio às escolas no que concerne a construção de práticas concernentes com uma educação para as relações étnico-raciais. A partir de estágios de vivência em comunidades tradicionais de matriz afro-brasileira (o que encontra respaldo na literatura produzida na área sobre o ensinar e aprender nessa perspectiva), pretende-se que os docentes e discentes envolvidos produzam e implementem em suas unidades escolares projetos de

		<p>intervenção relativos à temática, sob orientação e acompanhamento da equipe executora. Os resultados e reflexões deverão ser apresentados em um seminário, sendo também incentivadas a divulgação em publicações e participação em eventos acadêmicos da área. Em relação às lideranças populares, entende-se ser necessário mobilizá-las a partir de uma ação descolonizadora do pensamento, para assumam papel de protagonismo em seus espaços de atuação, municiadas por saberes ancestrais legados pelos povos tradicionais de matriz afro-indígena.</p>
<p>Plantando axé III: memórias ancestrais e o dilema do mundo contemporâneo em comunidades tradicionais de matriz afro-brasileira</p>	<p>2022</p>	<p>O projeto que ora se apresenta tem como objetivo contribuir na formação continuada de lideranças populares e professores em atuação nas escolas de Ituiutaba e região, bem como de estudantes dos cursos de Licenciatura do campus Pontal. Tal ação visa à implementação das leis 10.639 e 11.645, cujo cumprimento efetivo ainda se constitui um desafio às escolas no que concerne a construção de práticas concernentes com uma</p>

	<p>educação para as relações étnico-raciais. A partir de estágios de vivência em comunidades tradicionais de matriz afro-brasileira (o que encontra respaldo na literatura produzida na área sobre o ensinar e aprender nessa perspectiva), pretende-se que os docentes e discentes envolvidos produzam e implementem em suas unidades escolares projetos de intervenção relativos à temática, sob orientação e acompanhamento da equipe executora. Os resultados e reflexões deverão ser apresentados em um seminário, sendo também incentivadas a divulgação em publicações e participação em eventos acadêmicos da área. Em relação às lideranças populares, entende-se ser necessário mobilizá-las a partir de uma ação descolonizadora do pensamento, para assumam papel de protagonismo em seus espaços de atuação, municiadas por saberes ancestrais legados pelos povos tradicionais de matriz afro-indígena.</p>
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Clarins e tambores - a orquestra sagrada das religiões tradicionais de matriz africana.</p>	<p>2023</p>	<p>O presente curso tem por finalidade apresentar 16 diferentes tipos de ritmos sagrados tocados com clarins e atabaques, que são utilizados em festas populares de caráter sagrado em religiões tradicionais de matriz africana. O curso será ministrado por meio de parceria interinstitucional e consiste em uma ação pioneira em Ituiutaba, com vistas a formação de clarinetistas aptos a atuarem em suas comunidades de origem, onde exercem o papel de Ogans (músicos do sagrado). Essa tradição é rara no Brasil e encontra-se ameaçada de desaparecer, pois exige habilidades específicas dos músicos e, ainda, não vêm despertando interesse de Ogans mais jovens. Cursos dessa natureza representam, então, oportunidades únicas para perpetuar saberes ancestrais que o racismo religioso ameaça apagar de nossa cultura.</p>
<p>Estágios de vivência - música, dança e resistência na perspectiva da educação para as relações étnico-raciais.</p>	<p>2023</p>	<p>O projeto que ora se apresenta tem como objetivo contribuir na formação continuada de professores em atuação nas escolas de Ituiutaba e região,</p>

PEIC 2023.	<p>bem como de estudantes dos cursos de Licenciatura do campus Pontal. Tal ação visa à implementação das leis 10.639 e 11.645, cujo cumprimento efetivo ainda se constitui um desafio às escolas no que concerne à construção de práticas comprometidas com uma educação para as relações étnico-raciais. A partir de estágios de vivência em comunidades tradicionais de matriz afro-brasileira (o que encontra respaldo na literatura produzida na área sobre o ensinar e aprender nessa perspectiva), pretende-se que os docentes e discentes envolvidos produzam e implementem em suas unidades escolares projetos de intervenção relativos à temática, sob orientação e acompanhamento da equipe executora. Durante a vivência, os participantes conhecerão as expressões de resistência cultural presentes na musicalidade sagrada da Umbanda e do Candomblé, na dança e nas expressões corporais dos praticantes de religiões de matriz africana. Serão incentivados a cantar, a</p>
------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>refletir sobre as letras e conteúdo das cantigas, bem como dançar e interagir com as pessoas e espaços, como forma de compreender a riqueza cultural dos terreiros e assim, desconstruírem preconceitos e estereótipos atribuídos às religiões de origem africana. Os resultados e reflexões deverão ser apresentados em um seminário, sendo também incentivadas a divulgação em publicações e participação em eventos.</p>
<p>Plantando axé IV: Saberes ancestrais e saberes acadêmicos em diálogo.</p>	<p>2024</p>	<p>Uma educação verdadeiramente antirracista, na perspectiva da descolonialidade, deve levar em consideração não apenas o conhecimento sistematizado pela ciência formal, mas também aqueles encontrado no mundo vivido, onde muitas vezes saberes e fazeres ancestrais são silenciados pelo racismo ainda existente em nossa sociedade e, inclusive, em nossa prática de ensino, pesquisa e extensão na universitária. Na Universidade e nas escolas de Ensinos Fundamental e Médio, os jovens aprendem Geografia a partir de uma sistematização</p>

	<p>eurocentrada e norteamericacentrada de ciência, o que menospreza saberes vindos de outros berços culturais, como os povos originários do Brasil e os povos afrodiaspóricos. Neste sentido, este projeto tem como objetivo criar um ciclo de debates sobre os saberes ancestrais de lideranças de comunidades religiosas tradicionais de matriz africana e os conhecimentos sistematizados pela universidade sobre as urbanidades, ruralidades e o meio ambiente em complexos templários de Ituiutaba, Uberlândia e Uberaba. Como resultado prático, pretendemos com o ciclo de debates, contribuir para a valorização dos saberes não acadêmicos de origem afro-brasileira, ainda existentes em comunidades tradicionais do Triângulo Mineiro. Para tanto, realizaremos visitas às comunidades tradicionais de matriz afro-brasileira nos municípios abarcados pelo projeto onde buscaremos entender as lógicas espaciais de seus complexos templários, proporcionando um momento</p>
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>de diálogo sobre fares e saberes relacionados ao território com alunos das diversas licenciaturas do Campus Pontal da UFU. Os resultados e reflexões deverão ser apresentados em um seminário, sendo também incentivadas a divulgação em publicações e participação em eventos acadêmicos da área. Palavra</p>
--	--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Figura 61: Certificado do Prêmio Paulo Freire de Destaque Extensionista da UFU - 2019.



Fonte: Acervo do Projeto (2024).

PROJETOS DESENVOLVIDOS CM APOIO DA LEI PAULO GUSTAVO/2024

Título: *Intervenção “A orquestra sagrada das religiões tradicionais de matriz africana”.* **Ano Base:** 2023. **Programa Vinculado:** *Atividade educacional comemorativa do Dia Nacional das Tradições das Raízes de Matrizes Africanas e das Nações do Candomblé (Lei Federal 14.519 de 2023) desenvolvida pela Escola Estadual Coronel Tonico Franco.*

Título: *Sons da Ancestralidade – os ritmos em uma comunidade tradicional de matriz afro-brasileira. Oficina de Percussão desenvolvida na Escola Estadual Coronel Tonico Franco.* **Ano Base:** 2024. **Programa Vinculado:** *Editais nº 002/2023, Lei Paulo Gustavo de Ituiutaba/MG.*

Título: *Palestra “A cultura musical afro-brasileira como ferramenta de combate ao racismo religioso no ambiente escolar”.* **Ano Base:** 2024. **Programa Vinculado:** *Atividade educacional comemorativa do Dia Nacional das Tradições das Raízes de Matrizes Africanas e das Nações do Candomblé (Lei Federal 14.519 de 2023) desenvolvida pela Escola Estadual Coronel Tonico Franco.*



Figuras 62 a 67: Ações culturais desenvolvidas pelos Ogas da casa em instituições educacionais da cidade.

Fonte: A



**ARTIGOS CIENTÍFICOS, DISSERTAÇÕES E TESES
DESENVOLVIDAS TENDO A SOCIEDADE CULTURAL
E RELIGIOSA ILÈ ÀSE TOBI OBATALÁ (AXÉ
OLORIGIN) COMO OBJETO OU LOCAL DE
PESQUISA**

ALVES *et al.* Etnobotânica de plantas ritualísticas na prática religiosa de matriz africana no município de Ituiutaba, Minas Gerais. **Ethnoscintia** 4, 2019. D.O.I.: 10.22276/ethnoscintia.v4i1.239. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ethnoscintia/article/view/10258>. Acesso em: 14 jul 2024.

MACHADO, W. F. S.; PORTUGUEZ, A. P. Conservação ambiental e uso sustentável do espaço: proposta de criação de um parque urbano na cidade de Ituiutaba, MG. In: PORTUGUEZ, A. P.; ARAÚJO SOBRINHIO, F. **Inquietações geográficas: natureza sociedade e turismo no Brasil contemporâneo**. Ituiutaba: Barlavento, 2018, p. 256-285. Disponível em: <https://editorabarlavento.com.br/books/inquietacoes-geograficas/>. Acesso em: 14 jul 2024.

MARCELINO, M. M.; COELHO, M. O. P. Dimensões formativas em territórios de matriz afro-brasileira: apontamentos de uma “pesquisadora - abian”. **Aprender - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, [S. l.], n. 29, p. 105-122, 2023. DOI: 10.22481/aprender.i29.12347. Disponível em:

<https://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/12347>. Acesso em: 14 jul. 2024.

MARCELINO, M. M.; MOREIRA, K. M.; LUZIA, T. R. Projeto Caburé: uma experiência em educação de crianças no/do terreiro. In: MARCELINO, M. M.; PORTUGUEZ, A. P.; FRANÇA, J. S. **Educação: inquietações teóricas e experiências pedagógicas**. Ituiutaba: Barlavento, 2020, p. 444-463. Disponível em: <https://editorabarlavento.com.br/books/educacao-inquietacoes-teoricas-e-experiencias-pedagogicas/>. Acesso em: 14 jul 2024.

PORTUGUEZ, A. P. Balbúrdia na periferia: a Capoeira e a Cultura Afro-Brasileira na perspectiva da integração da universidade com seu entorno social em Ituiutaba. In: PORTUGUEZ, A. P.; COSTA, C. L.; MIYAZAKI, L. C. P. **Balbúrdia geográfica: natureza, produção, uso e apropriação do espaço no campo e na cidade**. Ituiutaba: Barlavento, 2020, p. 435-443. Disponível em: <https://editorabarlavento.com.br/books/balburdia-geografica/>. Acesso em: 14 jul 2024.

PORTUGUEZ, C. J. F.; PORTUGUEZ, A. P. Mobilização comunitária para recuperação e uso sustentável da área de compensação socioambiental do bairro/loteamento Cidade Jardim, Ituiutaba, MG. **Destarte**, v.13, n.1, p. 179-204, jul.2024. Disponível em: <https://estacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/destarte/article/view/3199>. Acesso em: 14 jul 2024.

PORTUGUEZ, A. P.; MARCELINO, M. M. Religiosidade afro-brasileira, educação para as relações étnico-raciais e a formação docente na perspectiva da sociointeratividade. **Revista Educação Popular**, Uberlândia, Edição Especial, p. 189-203, out. 2022. DOI: 10.14393/REP-2022-66862. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/66862>. Acesso em: 14 jul 2024.

PORTUGUEZ, A. P. Cultura popular e Extensão Universitária: tradições musicais afro-brasileiras e a formação de clarinistas para a composição da orquestra sagrada do Candomblé em Ituiutaba. In: MARCELINO, M. M.; PORTUGUEZ, A. P.; FRANÇA, J. S. **Educação: inquietações teóricas e experiências pedagógicas**. Ituiutaba: Barlavento, 2020, p. 418-443. Disponível em: <https://editorabarlavento.com.br/books/educacao-inquietacoes-teoricas-e-experiencias-pedagogicas/>. Acesso em: 14 jul 2024.

SOCIEDADE CULTURAL E RELIGIOSA ILÈ ÀSE BABÁ OLORIGIN. **Plantando axé: do lugar sagrado ao espaço da militância e da resistência cultural**. Ituiutaba: Barlavento, 2016, 93p. Disponível em: <https://editorabarlavento.com.br/books/plantando-axe/>. Acesso em: 14 jul 2024.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, W. *Ilé Ègbé Efúnlàṣé Ògbóni Ifá Ati Obàtálá*: Isefá e Sociedade Ogboni. Disponível em:

<http://www.efunlase.com/include.php?conteudo=home>.

Acessado em 03/04/2016.

BAUMAN, Z. Z. *Comunidade*: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CARNEIRO, J. L. *Religiões afro-brasileiras*: uma construção teológica. Petrópolis: Vozes, 2014.

FREITAS, B. *Ribeirão São Vicente*: panorama socioprodutivo e potencialidades para o turismo ecoturístico em Ituiutaba. Ituiutaba: Barlavento, 2015.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. *Agência Brasileira de ISBN*. Disponível em: <http://www.isbn.bn.br/website/>.

Acessado em 19 de novembro de 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico de 2010 (e atualizações para 2014)*. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/>.

Acessado em 18 de out. 2016 e outros acessos.

INSTITUTO GANGA ZUMBA. *Quem somos?* Disponível em <https://gangazumba.org/sobre-2/>. Acessado em 19 de outubro de 2016.

MOURA, G. G.; DAMACENO, I. A. Ituiutaba (MG): reflexos das condições sociais e da habitação na (re)estruturação urbana da cidade. In: PORTUGUEZ, A. P., MOURA, G. G. COSTA,

R. A. *Geografia do Brasil Central: Enfoques teóricos e peculiaridades regionais*. Uberlândia: Assis, 2011, p. 379-408.

PEREIRA, M. I. C. *Linguagem do cotidiano em tendas, comunidades, fraternidades centros e barracões de Candomblé, Umbanda e outros Cultos de raiz afro-brasileira*. Ituiutaba: Barlavento, 2014. Disponível

https://asebabaolorigbin.files.wordpress.com/2014/11/livro_maria_izabell.pdf. Acessado em 18 fev. 2015.

_____, *Pedro: o menino umbandista*. Ituiutaba: Barlavento, 2016.

PORTUGUEZ, A. P. *Geografía Humana del bajo río Doce*. Uberlândia: Assis, 2010.

_____, *Espaço e Cultura na religiosidade afro-brasileira*. Ituiutaba: Barlavento, 2015.

_____, Projeto “Plantando Axé”: uma experiência de responsabilidade social de um terreiro de Candomblé em Ituiutaba, MG. In: I CONGRESSO ETNICO-RACIAL. V. 1, 2016. *Anais do I Congresso Etnico-racial*. Ituiutaba: Universidade Federal de Uberlândia, 2016, p. 1-19.

PRANDI, R. O candomblé e o tempo: concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras. *Revista Brasileira De Ciências Sociais*. São Paulo: vol. 16 nº. 47, p. 43-58. 2001.

PRISCO, C. *As religiões de matriz africana e a escola*. Praia Grande: Ilê Asé e Instituto Oromilade, 2012.

SOCIEDADE CULTURAL E RELIGIOSA ILÈ ÀSE BABÁ OLORIGBIN. *Estatuto da Sociedade Cultural e Religiosa Ilê Àse Babá Olorigbin*. Ituiutaba: Documento de arquivo contábil, 2013.

_____, *E-Books Barlavento*. Disponível em: <http://ebooksbarlavento.blogspot.com.br/>. Acessado em 19 de novembro de 2016.

_____, *Regimento da Sociedade Cultural e Religiosa Ilê Àse Babá Olorigin*. Ituiutaba: Documento de arquivo contábil, 2015.

SOUXA, M. J. L. de. *Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbana*. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

VERGER, P. *Orixás: Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo*. 2 ed. São Paulo: Corrupio/Círculo do Livro, 1985.

_____, *Notas sobre o culto aos Orixás e Voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil e na antiga costa dos escravos, na África*. São Paulo: Edusp, 2012.

REGIMENTO INTERNO
da Sociedade Cultural e Religiosa Ilè Àse Tobi Obatalá
(Axé Olorigbin)

I Da elaboração dessa seção regimental.

O presente regimento da Sociedade Cultural e Religiosa Ilè Àse Tobi Obatalá foi elaborado pelo Diretoria Administrativa e pelo Babalorixá em reunião de trabalho ocorrida em 25 de abril de 2024. O Regimento objetiva unicamente regulamentar o comportamento religioso no âmbito das ações internas e externas da Sociedade Cultural e Religiosa Ilè Àse Tobi Obatalá. Deverá ser amplamente divulgado entre os sócios da mesma e deverá ser referendado pela próxima Assembleia Geral da Sociedade.

II Da previsão normativa do regimento interno.

- 1 O conjunto de normas de cunho religioso do Regimento Interno da Sociedade Cultural e Religiosa Ilè Àse Tobi Obatalá foi elaborado em atendimento ao disposto no Art. 21 do seu Estatuto. Deve cumprir o papel de regular o comportamento do corpo mediúnico, condutas éticas e morais no âmbito da Sociedade Cultural e Religiosa Ilè Àse Tobi Obatalá.

III Do conteúdo e abrangência deste Regimento

- 2 O presente Regimento traz em seu conjunto, as normas de caráter religioso que deverão ser seguidas pelo corpo de fiéis que frequentam a casa. Dividem-se nos seguintes grupos:
 - Abians: Fiéis não iniciados que compõem o corpo de associados da casa, que se encontram em fase de adaptação para uma futura iniciação no culto aos Orixás.
 - Yawos: Fiéis iniciados no culto aos Orixás com menos de sete anos de tempo de iniciação e fiéis com mais de sete anos de iniciados, que não tenham efetivamente cumprido com o ritual comemorativo do sétimo ano, denominado Ijê Odun.
 - Egbom: Fiéis iniciados há mais de sete anos, que cumpriram com o ritual comemorativo do sétimo ano denominado Ijê Odun.
 - Ogãs/Ekejis: Respectivamente, homens e mulheres que não manifestam Orixás, mas que passaram pelos ritos de iniciação no culto aos Orixás e que na casa, ocupam cargos e funções estabelecidos pelo Sacerdote.
 - Consulentes: Qualquer pessoa que VISITE o terreiro para nele praticar ou participar de rituais de caráter religioso e social.
- 3 Para fins de aplicação deste Regimento, as condições de enquadramento geral ou específico de cada fiel devem ser cuidadosamente observadas e as recomendações deverão ser rigorosamente seguidas. Isso trará mansidão aos trabalhos da casa e possibilitará o adequado desempenho das funções de cada membro da Sociedade Cultural e Religiosa Ilè Àse Tobi Obatalá. Sempre que houver

dúvidas sobre os procedimentos mais adequados, o Sacerdote deverá ser consultado e caberá ao mesmo trazer explicações claras sobre o que deve e o que não deve ser feito por cada associado, ou consulente.

IV Normas de comportamento e postura

Chegada ao terreiro

- 4 A entrada dos médiuns sempre deve se dar pelo portão lateral, onde há um vestiário apropriado para que se troquem e adentrem o terreiro com as suas roupas rituais.
- 5 No portão lateral há uma talha de barro com água e uma quartinha de barro (ou caneca). Todos que adentrarem o espaço sagrado devem despachar a porta com essa água, pedindo permissão à espiritualidade para adentrar o complexo templário.
- 6 Dirigir-se imediatamente ao banheiro para tomar seu banho de asseio, banho de folhas e colocar roupa de ração limpas.
- 7 O banho de folhas ficará sempre na porta do banheiro, em uma talha de barro e deverá ser tomado por todos(as).
- 8 Abians e yawos devem chamar um mais velho para lhe jogar o banho de folhas. No caso dos homens, o banho será jogado pelo Babá Kekerè ou por alguém por ele designado para esta tarefa. No caso das mulheres, apenas as ekejis poderão jogar o banho.
- 9 O uso da conta de Oxalá (branca), Yemonjá (cristal transparente), Oxóssi (azul turquesa), Oxumarê (rajada de verde e preto, ou amarelo e preto) e de seu orixá é obrigatório para todos os Abians
- 10 Os Yawos deverão usar seus carregos de pescoço completos em funções de Candomblé (mocã, 1 dilogun de

- 7 voltas do Orixá, dilogun de 3 voltas de Oxalá, 1 fio de Oxóssi, 1 fio de Oxumarê).
- 11 Yawos com menos de um ano de iniciados devem usar seus contra-eguns não só em funções de Candomblé, mas também fora do terreiro em suas vidas cotidianas.
 - 12 Cumprimentar todos os presentes. Em nossa religião se pede a benção dos mais velhos e dos mais novos da seguinte forma:
 - a) Adoba-se para o Babalorixá e depois para o Babá Kekerê, pedindo-lhe a benção (motumbá). Os iniciados adobam também para seus pais/mães-pequenos(as).
 - b) Abaixa-se para os irmãos mais velhos, Ogãs e Ekejis e pede-se motumbá;
 - c) Quando um irmão de mesma hierarquia ou de menos idade de iniciação pedir sua benção, responde-se “motumbaxé e motumbá”. Sempre abaixados ou curvados, nunca se pede motumbá de cabeça erguida.
 - 13 Abiãs jamais entram em quartos de orixás.
 - 14 Yawos só entram em quartos de Orixás após serem autorizados e já terem tomar banho de folhas. Ninguém deve entrar em quartos de Orixás quando vierem da rua e ainda estiverem com o corpo quente.
 - 15 Após a troca de benção, dirija-se a todos os quartos de orixás e cumprimente-os levando a cabeça ao solo em sua porta. Não é necessário abrir o quarto. Basta ajoelhar-se e pôr a cabeça no chão.
 - 16 No barracão, saúda-se os pontos de força pondo a cabeça no chão diante da porta, depois no axé da casa, diante dos atabaques e por fim diante do Babalorixá.

Roupas e indumentárias

17 Todos membros da casa deverão usar fardamento religioso, conforme descrito no quadro que segue:

Quadro 1: Uniforme

Hierarquia	Roupas
Abiãs	<ul style="list-style-type: none">• MULHERES: saia, calçolão, pano da costa, camisu, singuê, e ojá.• A saia não pode ser engomada e não usar anágua• O sutiã deve ser cor da pele ou branco e não pode ser do tipo costas de nadador. Preferencialmente substituí-lo pelo singuê.• A saia pode ter até no máximo 2 fitas na barra, sempre brancas e discretas. Toda saia deve ter pala. • HOMENS: cuecas brancas, calças e camisas brancas, sem nenhum enfeite. • CARREGO: um fio de Oxalá, um fio de Oxossi, um fio de Oxumarê e um fio do Orixá da pessoa.
Yawos com kelê	<ul style="list-style-type: none">• MULHERES: saia, pano da costa, camisu, singuê, calçolão, laço de peito branco e ojá.

	<ul style="list-style-type: none"> • A saia pode ser engomada e não usar anágua muito armada. • O sutiã deve ser cor da pele ou branco e não pode ser do tipo costas de nadador. Preferencialmente substituí-lo pelo singê. • A saia pode ter até no máximo 2 fitas na barra, sempre brancas e discretas. Toda saia deve ter pala. • HOMENS: cuecas brancas, calças e camisas brancas, sem nenhum enfeite. • CARREGO: contra-egun, mocã, 7 fios do 1º Orixá, 4 fios do 2º Orixá, 3 fios de Oxalá, 1 fio de Oxóssi, 1 fio de Oxumarê.
<p>Yawos de 3 meses a 1 ano</p>	<ul style="list-style-type: none"> • MULHERES: É permitido o uso de lese branca sem brilho. Usar saia, pano da costa, camisu, calçolão e singuê na cor branca. • A saia pode ser engomada e não usar anágua muito armada. • O sutiã deve ser cor da pele ou branco e não pode ser do tipo costas de nadador. Preferencialmente substituí-lo pelo singuê.

	<ul style="list-style-type: none"> • A saia pode ter até no máximo 3 fitas na barra, sempre discretas. Toda saia deve ter pala. • HOMENS: cuecas brancas, calças e camisas brancas, sem nenhum enfeite. • CARREGO: contra-egun, mocã, 7 fios do 1º Orixá, 4 fios do 2º Orixá, 3 fios de Oxalá, 1 fio de Oxóssi, 1 fio de Oxumarê.
<p>Yawos de 1 a 3 anos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • MULHERES: saia, pano da costa, camisu, singuê, calçolão, laço de peito e ojá. • A saia pode ser engomada, a anágua pode ser de tecido engomado (jamais tuli), mas sem exageros. • O sutiã deve ser cor da pele ou branco e não pode ser do tipo costas de nadador. Preferencialmente substituí-lo pelo singuê. • A roupa pode ter cores, estampas e a lese pode ser bordada. Não é permitido o uso de roupas ou tecidos africanos, com estampas tribais ou africanas, entremeios e richelieu. • A saia, o pano da costa, o ojá e o laço podem ter até 4 fitas coloridas ou brancas; as barras podem ser de renda.

	<ul style="list-style-type: none"> • HOMENS: cuecas brancas. As camisetas podem ser estampadas, mas sem brilho. As calças devem ser brancas, com uma faixa estampada de até 10 cm na barra, desde que seja a mesma estampa da camisa. • Não é permitido o uso de roupas ou tecidos africanos, ou com estampas africanas ou tribais, entremeios e richelieu. • CARREGO: Mocâ, 7 fios do 1º Orixá, 4 fios do 2º Orixá, 3 fios de Oxalá, 1 fio de Oxóssi, 1 fio de Oxumarê.
<p>Yawos com obrigação de 3 anos tomada</p>	<p>Mesmas características das roupas dos Yawos de 1 a 3 anos, acrescidos dos seguintes detalhes:</p> <ul style="list-style-type: none"> • É permitido o uso de lese acetinada ou com brilho • As roupas femininas podem ter até 6 fitas e 1 entremeio. • A barra da calça dos homens pode ter a faixa de cor ampliada para 20 ou 30 cm, desde que igual à da camisa. Pode pôr 1 entremeio na camisa. • CARREGO: Mocã e dilogun feito com 21 firmas e as contas na cor do orixá.

<p>Ebomes</p>	<ul style="list-style-type: none"> • MULHERES: saia, pano da costa, ojá, camisu, calçolão e singuê. • É permitido que as roupas sejam estampadas, sejam feitas com fitas diversas, tecido africano, richelieu, entremeio, podem ter brilho, bordados e outros. Recomenda-se, entretanto, bom senso na combinação de tais recursos. • A saia pode ser engomada, a anágua pode ser armada, jamais de tuli. • O sutiã deve ser cor da pele ou branco e não pode ser do tipo costas de nadador. Preferencialmente substituí-lo pelo singuê. • HOMENS: Podem utilizar conjuntos africanos ou cortes neles inspirados. Podem utilizar tecidos estampados, com entremeios, richelieu ou outros trabalhos em tecido. Podem usar Eketés. • CARREGOS: Homens e mulheres podem utilizar diloguns africanos, ou representativos de seus Orixás.
<p>Ekejis suspensas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Roupas brancas, de ração, iguais às das yawos com menos de 1 ano.

	<ul style="list-style-type: none"> • Utilizar sempre uma conta simples de Oxalá e uma conta simples do seu Orixá.
<p>Ekejis confirmadas</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Saia, pano da costa, ojá, camisu, calçolão, bata e singuê. • É permitido que as roupas sejam estampadas, sejam feitas com fitas diversas, tecido africano, richelieu, entremeio, podem ter brilho, bordados e outros. Recomenda-se, entretanto, bom senso na combinação de tais recursos. • A saia pode ser engomada, a anágua pode ser armada. • O sutiã deve ser cor da pele ou branco e não pode ser do tipo costas de nadador. Preferencialmente substituí-lo pelo singuê. • Podem utilizar diloguns africanos, ou representativos de seus Orixás. • Só podem usar conjuntos africanos do tipo “envelope” em caso de estarem visitando outras casas. Em nosso terreiro devem usar indumentária completa.
<p>Ogàs suspensos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Roupas de ração brancas semelhantes às dos Abians. • Uma conta de Oxalá simples, uma conta de seu Orixá simples • Não usar eketé.

<p>Ogàs confirmados</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Podem utilizar cores, roupas sociais ou cortes africanizados. • Podem utilizar diloguns africanos, ou repr4esentativos de seus Orixás. • Em qualquer festa pública, todos os Ogans devem se vestir de forma absolutamente igual, inclusive nas cores de filás, gravatas e sapatos. Ogans devem, preferencialmente, se vestir com ternos ou roupas sociais brancas. • Caso queiram criar modelos mais africanizados, estão autorizados, desde que em funções internas. • Roupas africanas em Candomblés são permitidas apenas no Olubajé. Observar que todos devem usar roupas semelhantes em relação ao modelo. • Devem utilizar boinas ou eketés, desde que todos estejam semelhantes.
<p>Observações</p>	<ul style="list-style-type: none"> • É proibida a utilização de camisetas de malha com estampas. Essa norma serve para todos. • Filhos de Oxoguiã e de Oxolufã, jamais usam nada que tenha cor. Todas as roupas são unicamente brancas e os detalhes, quando permitidos, podem ser brancos ou prata. • Nas festas de Oxalá, todos os filhos devem usar unicamente roupas brancas, os homens não usam filás ou

eketés e as mulheres não utilizam os ojás. Todos ficam descalços. Ogans e Ekejís podem usar, respectivamente, boinas e ojás nas festas de Oxalá.

- Em toda e qualquer festa, as mulheres devem trazer seus **cabelos trançados**.

- Mulheres-trans e trans-homens devem consultar o Babalorixá sobre o uso de suas roupas, mas, em princípio, o padrão das vestimentas deve ser mantido de acordo com sua identidade de gênero.

- **Todos usam roupas brancas durante os ritos de Boris e saídas de yawos.**

- No caso de festas com saída de yawos, consultar o sacerdote sobre a cor das roupas.

- As mulheres só poderão utilizar batas se forem Ekejís confirmadas.

- **Brincos, unhas e maquiagens:** em todo e qualquer caso, a maquiagem deve ser bem discreta, assim como a cor das unhas e dos batons.

- Somente Egbomes de Yabás podem usar brincos grandes ou modelo argola grande. Mulheres de ogborós devem usar brincos bem pequenos e maquiagens nudes.

- Homens só podem usar brincos se forem muitos discretos e após a obrigação de 1 ano.

	<ul style="list-style-type: none"> • Homens jamais utilizam panos da costa na cintura. Ojás, somente durante suas obrigações. • Todos os homens devem tomar cuidado com a transparência dos tecidos de suas roupas.
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

- 18 Durante os Candomblés, os Orixás dos iniciados deverão ser vestidos com prudência, respeitando-se a coerência estética da roupa, a idade de iniciação do yawo e composição do quadro 2.
- 19 Em mulheres, todo orixá masculino substitui o bombacho pela saia engomada armada com anágua.
- 20 Em homens, todo Orixá feminino substitui a saia por bombacha engomado e armado.
- 21 Homens de Yabás com obrigações de 3 anos tomadas podem usar bombachas abertos.
- 22 Consultar o sacerdote sobre roupas de entidades de Umbanda.

Orixás	Peças	Cores
Exu	Bombacha, laço de peito, laço de cabeça, 2 laços laterais. Capacete, ogó, brajás	Branco, estampado colorido. O vermelho e o preto devem ser utilizados com comedimento.

Ogun	Bombacha, laço de peito, laço de cabeça, 2 laços laterais. Capacete e adaga	Branco, verde escuro, azul escuro e estampas com predomínio dessas cores
Oxossi	Bombacha, laço de peito, laço de cabeça, 2 laços laterais e uma banda. Capacete, ofá, chicote	Branco, azul turquesa e estampas com predomínio dessas cores
Omolu	Bombacha, laço de peito, laço de cabeça, 2 laços laterais. Azê e xaxará	Branco, preto, estampados com cores terrosas
Ossãe	Bombacha, uma banda, laço de peito, laço de cabeça, 2 laços laterais. Capacete, copa de peregum	Branco e diversos tons de verde.
Oxumare	Bombacha, laço de peito com trança atrás, laço de cabeça com trança atrás, 2 laços laterais com	Branco, tons terrosos, amarelo com preto ou verde e enfeites nas cores do arco-íris. Estampa de pele de cobra.

	<p>tranças, Pano da costa.</p> <p>Capacete, dan de metal e brajás</p>	
Nanã	<p>Saia, laço de peito, camisu, laço de cabeça, 2 laços laterais.</p> <p>Adê rústico com filá de palha, igbirin, e brajás de búzios e conchas</p>	<p>Branco, lilás, roxo estampados delicados nessas cores</p>
Oxun	<p>Saia, camisu, laço de peito, laço de cabeça, 2 laços laterais.</p> <p>Adê de metal dourado, abebé, verificar se tem ofá e adaga.</p>	<p>Branco, dourado, amarelo e estampados delicados com predomínio dessas cores.</p>
Obá	<p>Saia, laço de peito, laço de cabeça, 2 laços laterais.</p> <p>Adê tipo capacete em metal cor de cobre, ofá e adaga</p>	<p>Branco, laranja, cobre, tons terrosos e estampados nessas cores.</p>
Ewá	<p>Saia, camisu, laço de peito com trança</p>	<p>Branco, vermelho, tons terrosos e</p>

	<p>atrás, laço de cabeça com trança atrás, 2 laços laterais com tranças.</p> <p>Adê rústico com palha vermelha no filá, dan de metal, arma de Ewá e brajás</p>	<p>enfeites nas cores do arco-íris</p>
Iansã	<p>Saia, laço de peito, laço de cabeça, 2 laços laterais.</p> <p>Adê em metal cor de cobre, eruexin e adaga</p>	<p>Branco, cobre, vermelho, laranja, rósea e estampados nesses tons.</p>
Logun Edé	<p>Bombacha, laço de peito, uma ou duas bandas, laço de cabeça, 2 laços laterais.</p> <p>Capacete, abebé dourado e ofá dourado</p>	<p>Branco, azul turquesa, dourado, amarelo e estampados com essas cores</p>
Yemanjá	<p>Saia, camisu, laço de peito, laço de cabeça, 2 laços laterais.</p> <p>Adê de metal prateado, abebé,</p>	<p>Branco, prata, azul clarinho e verde água. Estampados delicados nesses tons</p>

	verificar se tem adaga.	
Xango	Bombacha, laço de peito, laço de cabeça, 2 laços laterais. Coroa e Oxê	Branco, vermelho, prata, marrom, estampados alegres que não tenham preto
Ayrá	Bombacha, laço de peito, laço de cabeça, 2 laços laterais. Coroa prateada, Oxê prateado e Chave prateada	Branco e prata. Após a obrigação de 7 anos, pode-se inserir pequenos detalhes em vermelho.
Osoguiã	Bombacha, laço de peito, laço de cabeça, 2 laços laterais. Uma ou duas bandas. Capacete prateado, mão de pilão prateada e adaga prateada.	Somente branco e detalhes em prata.
Osolufan	Bombacha, laço de peito, laço de cabeça, 2 laços laterais. Uma ou duas bandas. Coroa prateada de metal com filá de	Somente branco e detalhes em prata.

	contas brancas, opaxorô.	
--	-----------------------------	--

Alimentos e bebidas

- 23 Em um terreiro, exige-se higiene e bom comportamento, independente se o adepto esteja na cozinha onde se prepara a comida para os Orixás, ou se na cozinha que se prepara a comida para as pessoas. Portanto, a postura respeitosa na cozinha deve ser sempre a mesma.
- 24 A cozinha dos Orixás é um espaço sagrado onde, para entrar, todos devem se curvar e pedir agô ao iniciado mais velho que lá estiver. Só adentre após ele(a) dizer “agoyá”.
- 25 Cozinha é local de trabalho dos filhos e filhas de Iyabás (orixás femininos). Cabem principalmente a estes prepararem ebós, Boris, comidas de Orixás, axés e a alimentação da coletividade.
- 26 Para os filhos e filhas de Orixás Ogborós (masculinos) cumpre o trabalho no restante do terreiro: manutenção, limpeza, ornamentação e montagem do barracão, serviços de rua e outros.
- 27 Toda e qualquer alimentação deve ser feita de forma coletiva. É obrigatório comer coletivamente na casa de Oxalá. Portanto, todos dejejuarão juntos, almoçarão juntos e jantarão juntos. É necessário parar o que se está fazendo, sentar e comer.
- 28 Jamais se come de pé. Obrigacionandos e yawos se alimentam sentados em esteiras. Yawos se alimentam em grupo separado dos mais velhos, sentados no chão ou em

- banquinhos. Babalorisá, Ogans e Ekejis se sentam junto às mesas.
- 29 Se não houver cadeiras para todos na mesa dos cargos, os mais novos em idade de iniciação deverão ceder lugar aos mais velhos.
- 30 Egbamirè: esse é o nome que se atribui ao dejejum. Após a mesa montada, os iniciados mais velhos se servem, seguindo a ordem de idade de iniciação até os mais novos.
- 31 Após montado o prato, todos devem se curvar diante de seu Babalorisá e dizer “Egbamirè Babá”. A resposta para esta frase é “Egbamiredi”.
- 32 Do mesmo local onde se está, oferece-se este alimento a todos os seus irmãos SEM ALTEAR A VOZ.
- 33 Após terminada a refeição, deve-se curvar diante do Babalorisá e pedir-lhe motumbá. Do mesmo local onde se está, pede-se motumbá aos mais velhos SEM ALTEAR A VOZ.
- 34 Almoço e jantar: Após a mesa montada, os iniciados mais velhos se servem, seguindo a ordem de idade de iniciação até os mais novos.
- 35 Somente o Babalorixá se senta na cadeira posta à cabeceira principal da mesa.
- 36 Após montado o prato, todos devem se curvar diante de seu Babalorisá e dizer “ajeum Babá”. A resposta para esta frase é “ajeuman”.
- 37 Do mesmo local onde se está, oferece-se este alimento a todos os seus irmãos e irmãs, mais velhos e mais novos, dizendo: “ajeum irmãos”, SEM ALTEAR A VOZ, ao que todos respondem “ajeuman”.
- 38 Após terminada a refeição, deve-se curvar diante do Babalorisá e pedir-lhe motumbá. Do mesmo local onde se está, ainda curvado, pede-se motumbá aos mais velhos e

em seguida aos mais novos SEM ALTEAR A VOZ. A resposta é “motumbasé”.

- 39 Nunca se sirva mais do que se suporta comer, pois jogar comida fora é grande contra-axé.
- 40 Da fase de Abiãn, até o final do preceito da obrigação de 7 anos, deve-se usar canecas e pratos de ágate para se alimentar e hidratar. Coma unicamente de colher, pois garfo e faca jamais pousam sobre prato de ágate.
- 41 Sob nenhuma hipótese, nem mesmo para comemorações, será permitida ingestão de bebidas alcoólicas em refeições durante funções no barracão.
- 42 Não beber 24 horas antes das giras de Umbanda e durante todo o período das funções de candomblé.
- 43 Quando houver giras de Umbanda, recomenda-se que as entidades façam ingestão de pouca bebida alcoólica, pois caso o médiun se embebede, entidade e médium poderão sofrer sanções definidas pelo Babalorixá.
- 44 Caberá às Ekejis, Cargos desincorporados, egbomes e Ogãs o controle da distribuição das bebidas em giras de Umbanda.
- 45 Alimentos proibidos para todos no terreiro: cajá, carambola, mexerica (enredeira”), tangerina, caranguejo, peixes de couro, siris e os ewós específicos de cada filho iniciado.
- 46 Durante iniciações ou obrigações que tenham Oxalá no barco, fica permitido o consumo de café, desde que o mesmo seja trazido de casa. Fica proibido consumir feijão preto no barracão.
- 47 Durante as festividades das Águas de Oxalá, o sacerdote deverá ser consultado a respeito do consumo de café, sal e dendê. Em princípio, esses elementos ficam proibidos.

48 Tendo função nas sextas feiras, sempre haverá canjica de milho branco e esse prato deve ser consumida por todos. É a comida mais sagrada de Oxolufon, Orisá dono da casa. Deverá ser feita com amor e muito carinho pelas filhas da casa.

Visitantes

- 49 As crianças, quando levadas para o terreiro para acompanhar seus pais, deverão ficar sob a responsabilidade e cuidado dos mesmos, ainda que a brinquedoteca esteja aberta e em funcionamento.
- 50 Visitantes devem ser informados sobre quais rituais podem ou não assistir.
- 51 O local para acomodar os visitantes será sempre e preferencialmente o barracão.
- 52 Visitantes devem ser informados que não é permitido, sob nenhuma hipótese, fumar nas dependências do terreiro.
- 53 Visitantes devem manter seus celulares desligados ou em modo silencioso.
- 54 Os visitantes devem usar branco em dias de festa de Oxalá.
- 55 Nenhum visitante poderá tocar em ervas ou árvores sem autorização.
- 56 Nem visitantes, nem filhos da casa, poderão fotografar absolutamente nada sem a expressa autorização do Babalorixá.

Sobre o poço, árvores e ervas sagradas

- 57 É absolutamente proibido aproximar-se do poço sem autorização. É um local perigoso e sagrado.
- 58 É proibido tocar na jaqueira, bem como comer seus frutos, pois trata-se de árvore sagrada.
- 59 É proibido tocar no arbusto issan-egungun, pois essa planta foi consagradas a Babá Egungun.
- 60 É proibido tocar levemente em Iroko, pois trata-se de árvore sagrada dedicada ao Orisá de mesmo nome.
- 61 As ervas cultivadas na casa podem ser utilizadas nos rituais, desde que com a devida orientação.

Comportamento sexual

- 62 Guardar resguardo sexual 24 horas antes das giras de Umbanda.
- 63 Guardar resguardo sexual durante todo o período das funções que estiver participando.
- 64 O resguardo sexual inclui: masturbação, ato sexual concreto, acesso a sites eróticos, revistas, filmes e demais materiais impressos ou audiovisuais de igual teor.
- 65 Qualquer ato sexual, erótico ou íntimo é absolutamente proibido no complexo templário. Qualquer atitude nesse sentido poderá implicar na suspensão do filho da casa e, se grave tiver sido sua conduta, no desligamento da pessoa do quadro de filhos da casa. Cabe ao Babalorixá tal decisão.
- 66 Assédio sexual de qualquer natureza será considerado falta grave sujeita a punições como suspensão, exclusão do quadro de fiéis da casa e denúncias policiais.
- 67 No terreiro, da porta para dentro, todos devem se tratar coimo irmãos, sendo ou não namorados, companheiros, casados etc.
- 68 O terreiro aceitará famílias em seu quadro societário, o que implica em consideração de irmandade entre todos os membros, pois todos terão o mesmo Babalorixá. Porém, da porta para dentro, todos deverão se submeter às ordens do sacerdote e devem se tratar como irmãos de santo, com o devido respeito hierárquico, independente do grau de consanguinidade.
- 69 Caso ocorra de duas pessoas resolverem formar casal dentro da família de axé, o Babalorixá deve ser comunicado e cabe a ele decidir se apoia ou não a união. Se ele apoiar, ambos os filhos permanecerão na casa, mas se não concordar, um ou ambos os filhos serão convidados a se desligar. Essa decisão será tomada com base em

critérios administrativos e com base em consulta ao oráculo.

- 70 A prática sexual ocasional é extremamente desaconselhável entre irmãos de santo. Problemas relacionais decorrentes deste comportamento serão julgados pelo Babalorixá, cabendo punição se assim ele julgar pertinente.

Higiene pessoal

- 71 Todo homem e mulheres devem ter muita atenção aos aspectos relacionados à sua higiene pessoal: banho, higiene dental, eliminação de maus odores e arrumação da roupa.
- 72 Todos e todas devem sempre usar roupas limpas.
- 73 É permitido o uso de perfumes no terreiro, tanto em giras de Umbanda, quanto em funções de candomblé. Sugere-se água de rosas ou alfazema, pois são perfumes “espirituais”. Mas outros mais suaves também podem ser usados.
- 74 Perfumes podem ser aspergidos também sobre igbás e imagens de entidades;
- 75 Os homens devem se barbear ou aparar a barba, para que apresentem aparência “limpa” diante da espiritualidade. Caso queiram usar barbas e bigodes, deve-se mantê-los sempre limpos, aparados, com aspecto de bem tratado.
- 76 Os homens poderão usar cabelos compridos, desde que rigorosamente higienizados e tratados, presos formando um rabo-de-cavalo com elástico na cor do cabelo.
- 77 Para todos, é obrigatório lavar a cabeça antes e depois das giras de Umbanda. Isso ajuda a manter o médium mais equilibrado e facilita a remoção de energias acumuladas

- durante o trabalho mediúnico. Recomenda-se uso de sabão da costa, ou sabão de coco antes de passar o shampoo.
- 78 As mulheres devem evitar esmaltes escuros ou vermelhos, assim como maquiagens muito pesadas e gritantes.
 - 79 Nas giras de Umbanda, todas as joias devem ser guardadas.
 - 80 Nas funções de candomblé, todas as joias devem ser guardadas durante a função. As mulheres poderão utilizar balangandãs para enfeitarem-se para as rodas de Xirê.
 - 81 Todos devem cortar as unhas e mantê-las sempre higienizadas.
 - 82 A casa respeitará os “estilos alternativos” das pessoas, mas não tolerará desleixo com a higiene pessoal.
 - 83 Recomenda-se cautela quanto ao uso de pirsings. Esses devem ser discretos, nunca a mostra de maneira ostensiva.
 - 84 Recomendamos cautela quanto à realização de tatuagens. Consulte seu Babalorixá, pois há imagens que soam ofensivas aos Orixás e há locais específicos do corpo que não devem ser tatuados.

Pernoite no terreiro

- 85 A partir das 21 horas, em dias de função, o barracão ficará disponível para o descanso de todos que estiverem participando dos trabalhos da casa.
- 86 O despertar ocorrerá sempre 07:00h, para todos e todas.
- 87 Cada filho da casa deverá trazer seu colchonete, roupa de cama, roupa de banho, material de higiene e etc.
- 88 Todos os filhos e filhas que estiverem cumprindo preceitos, obrigatoriamente dormirão no terreiro nas sextas feiras até o final de seu resguardo.

- 89 Todos, indistintamente, devem dormir no terreiro nas noites que antecedem sacrifícios de quadrúpedes.
- 90 Faça silêncio enquanto os demais irmãos dormem. Não ligue celulares, pois a luz dos mesmos atrapalha o sono dos outros. Caso haja reclamação, os celulares serão confiscados pelo sacerdote e devolvidos somente após o fim dos rituais de sacrifício.

V Rituais

- 91 A CASA É DE CANDOMBLÉ. Todos os filhos da casa se subordinam à hierarquia estabelecida pelo zelador a partir da lógica ritualística da nação Ketu. Esse princípio é válido inclusive para os ritos de Umbanda.
- 92 Jamais ocorrerão ritos de Candomblé e Umbanda em um mesmo dia. Essas são duas práticas religiosas muito diferentes que dividirão unicamente o salão e a cozinha do complexo templário, em datas diferenciadas estabelecidas para a efetivação de cada culto.
- 93 No mês de novembro de cada ano o zelador estabelecerá o calendário de festas e homenagens aos Orixás, assim como o Calendário de giras de Umbanda.
- 94 Nenhum rito de Umbanda poderá ocorrer dentro dos quartos de Orixás.
- 95 Nenhum rito de Orixá poderá ocorrer dentro do quarto de Tranca Ruas ou quarto do Caboclo Ubirajara.
- 96 Nenhuma entidade de Umbanda poderá tocar nos objetos sagrados dos Orixás, Ojubós e instrumentos ritualísticos utilizados em ritos de Candomblé. Isso inclui atabaques, agogôs e xequerês.

- 97 Nenhum Orixá tocará em materiais de uso de entidades de Umbanda.
- 98 Nenhuma entidade de Umbanda poderá se manifestar em dias de ritos de Candomblé.
- 99 Nenhum Orixá poderá se manifestar em horários de ritos de Umbanda.

Giras de Umbanda

- 100 Os ritos de Umbanda serão dirigidos por Pai Joaquim, Caboclo Ubirajara e Seu Tranca Ruas, todas entidades que incorporam no atual Zelador da casa. Esses mentores receberão ainda o auxílio operativo de entidades designadas unicamente por Pai Joaquim como demais chefias da casa.
- 101 As demais chefias poderão ser substituídas sempre que recomendado pelo mentor espiritual dos ritos de Umbanda.
- 102 Na ausência do Zelador, as giras de Umbanda serão dirigidas por Pai Lourenço, segunda chefia das giras dessa casa.
- 103 Nenhuma entidade poderá receitar ebós, presentes e rituais de Candomblé para nenhum consulente. Essa é uma tarefa executada exclusivamente pelo Babalorisá por meio do jogo de Búzios.
- 104 Entidades de Umbanda e Orixás devem ser obedientes e respeitosos para com as Ekejis, Ogans e com o Zelador. Devem respeitar e ser atenciosos com os filhos da casa.
- 105 Nenhuma entidade de Umbanda poderá dar ordens de forma arrogante quando estiverem sendo cambonadas.

- Devem agir de forma educada, sempre solicitar “por favor” e sempre agradecer quando for atendida.
- 106 Espíritos arrogantes ou que causem problemas poderão ser punidos pelas suas ações, a juízo do sacerdote. Poderão inclusive serem proibidos de trabalharem na casa.
 - 107 Todos os filhos da casa devem tratar respeitosamente as entidades de Umbanda pelos seus nomes, utilizando ainda termos como “meu senhor”, “minha senhora” “meu vovô(ó), sempre pedir-lhes a benção e sempre auxiliar quando solicitado.
 - 108 Não existe entidade mais ou menos importante, mais ou menos rara, mais ou menos respeitável que outra. Todas devem ser tratadas de forma respeitosa, carinhosa e acolhedora.
 - 109 Nunca se pega nada ou se entrega nada com uma mão só a uma entidade. Sempre deve-se usar as duas mãos e curvar-se de forma respeitosa para ofertar os objetos.
 - 110 Nenhuma entidade deve esquecer-se de pegar objetos com as duas mãos ao serem atendidas por seus cambonos.
 - 111 Entidades jamais poderão chegar no terreiro de forma espalhafatosa. Jamais poderão utilizar-se de vocabulário de baixo calão. Jamais poderão elevar a voz umas com as outras, nem com os filhos da casa e menos ainda com assistentes.
 - 112 Em situações especiais, com os devidos controles e cuidados, animais de estimação poderão ser levados ao terreiro para serem benzidos.
 - 113 Se for dada a ordem para uma entidade de Umbanda desincorporar, essa deve obedecer imediatamente.
 - 114 Mulheres menstruadas poderão participar das giras de Umbanda como cambonas. Poderão incorporar suas entidades, mas sempre para trabalhos leves, nunca para

realização de trabalhos pesados de descarrego ou desobsessão. Os guias de frente de cada médium devem passar as recomendações que desejam para suas filhas, no sentido de orientar o que ela deve fazer antes da gira nos dias de regra menstrual (banhos, preparações, etc.).

- 115 Mulheres menstruadas ficam proibidas de trabalhar incorporadas em giras de Exu. Em giras de Caboclos e pretos velhos, mesmo que os Exus sejam chamados para o trabalho, as mulheres menstruadas jamais deverão incorporar entidades dessa egrégora”.

Funções de Orixás e festas de Candomblé

- 116 Orixás raramente falam. Quando se comunicam, estes sempre falam muito objetivamente, bem baixinho e com pessoas da casa, jamais com assistentes.
- 117 Abiãs e yawos nunca entregam ou recebem objetos para (ou de) um Orixá de pé. Sempre se ajoelham diante dele para pegar ou entregar-lhes algo. Um(a) Egbome poderá entregar ou pegar objetos de pé quando o Orixá estiver manifestado em um yawo mais novo. Porém, deve curvar-se de forma respeitosa e usar as duas mãos para o repasse do objeto.
- 118 Nenhum Orixá (exceto Osolufon) entrega ou recebe nada de pé. Mesmo os Orixás mais velhos sempre se abaixam para pegar ou entregar objetos.
- 119 Jamais se entrega nada a Osolufon de pé. Osolufon jamais se abaixa ou adoba para ninguém, no máximo se curva flexionando um pouco os joelhos.

- 120 Todos os Orisás adobam para o Babalorisá, exceto Osolufon, que apenas se curva levemente e flexiona um pouco os joelhos.
- 121 Exceto Osolufon, todos os demais Orixás se cumprimentam abaixando-se um diante do outro, abraçando-se e se levantando juntos.
- 122 Osolufon não precisa se abaixar, mas os demais Orisás se abaixam diante dele para cumprimenta-lo.
- 123 Todas as vezes que o Babalorisá for adobar (seja em que situação for), todos os Orisás e filhos da casa devem se por de “surrão” (de joelhos, batendo paó contínuo com a cabeça baixa). Essa regra não se aplica a Osolufon, que pode permanecer de pé, porém curvado e batendo paó.
- 124 Sempre que um Osolufon chegar, independente da idade, deve ser posto sentado confortavelmente em uma cadeira.
- 125 Quando o Babalorisá estiver falando, ensinando algo ou educando um filho, esse (independente da idade) deve ajoelhar-se.
- 126 Exceto os Osolufon dos filhos iniciados da casa, todos os demais Orisás adobam para o seu Babalorisá.
- 127 Exceto os Osolufon dos filhos iniciados da casa, todos os demais Orisás adobam para Orixá do Sacerdote.
- 128 Quando o Babalorisá entrar em transe, todos os Orisás dos filhos deverão se manifestar imediatamente.
- 129 Todos os filhos da casa: Ekejis, Ogans, Egbomes, Yawos e abians devem adobar para o Orisá do Babalorisá da casa. Osolufon é soberano e não há cabeça que não vá aos seus pés.
- 130 Todo Orisá é grandioso. Portanto, do Zelador ao abiã, todos adobam para os Orisás que chegarem no Ilè. Sejam eles novos ou antigos.

- 131 É função dos Ogãs: administrar a manutenção e a limpeza do espaço físico; organizar e executar os rituais de sacrifícios do início ao fim; entoar os cânticos sagrados e tocar os instrumentos do terreiro; vigiar o terreiro; aconselhar o Babalorisá de forma humilde e respeitosa; cuidar dos instrumentos musicais sagrados; abrir quadrúpedes sacrificados e tratar seu couro; cantar para as entidades e cuidarem uns dos outros.
- 132 É função das Ekejis: Cuidar dos Orisás da casa quando esses se manifestarem; hidratar os filhos manifestados com seus Orisás oferecendo-lhes água; pôr panos, ou vestir os Orisás para os rituais internos e públicos; puxar as rodas de Candomblé e desvirar os Orisás manifestados; dançar com os Orixás; cuidar das roupas dos Orixás: lavá-las, engomá-las, passa-las e organizá-las; aconselhar o Babalorisá de forma respeitosa; cuidarem umas das outras. Também é função das Ekejis cuidar da guarda e manutenção dos caxixis, adjás, aros e xeres.
- 133 Nenhum Orixá poderá desvirar-se sozinho. Sempre deverá ser desvirado por um mais velho, Ekeji ou Ogã.
- 134 Yawos que ainda não tomaram obrigações de 7 anos são desvirados deitados em esteiras. Após essa obrigação, podem ser desvirados sentados em bancos ou cadeiras, caso haja tempo e disponibilidade de espaço para isso. Oxalá jamais será desvirado em uma esteira, sempre sentado em um banco ou cadeira.
- 135 Após desvirado, o filho da casa deve levar sua testa ao chão e pedir motumbá a quem lhe desvirou. Em seguida, adobar para seu sacerdote.
- 136 Se for dada a ordem para um Orixá ser desvirado, esse deve obedecer de imediato.

- 137 Não existe Orixá mais ou menos raro, Orixá mais ou menos venerável, Orixá mais ou menos importante. Todos devem ser tratados da mesma forma, sempre com respeito e carinho. Do Orisá de um yawo ao Orisá de um Babalorisá/Yalorisá, todos são igualmente divinos.
- 138 Mulheres menstruadas podem participar das funções. Não poderão, porém, segurar bichos em rituais de sacrifícios, nem realizar o abate dos mesmos. Não poderão bater ibossé.

Preceitos e recolhimentos

- 139 O preceito para o eborizados será sempre de 7 dias.
- 140 O preceito para yawos será de 3 meses e uma semana, a contar da data de sua efetiva iniciação (subida do kelè).
- 141 O preceito para obrigacionandos, Ekejis e Ogans será de 21 dias a contar da data do Candomblé.
- 142 O recolhimento de yawos é de no mínimo 21 dias. Depois disso ele cumprirá o restante de seu preceito em sua casa e seguirá a rotina normal de trabalho, caso o tenha.
- 143 Os kelès deverão ser portados pelos yawos e obrigacionados em seu dia-a-dia.
- 144 O recolhimento de obrigacionandos, Ekejis e Ogans é de 21 dias.
- 145 O conteúdo do preceito será informado aos(às) yawos, Ekejis, Ogãs, e obrigacionandos(as) por seu pai/mãe criador(a).
- 146 Quando iniciado, qualquer yawo de Osalá deve estar consciente que o período de uso exclusivo do branco poderá ser de um ano, caso o bori de seu primeiro ajodun seja ofertado em tempo correto. Caso atrase, o iniciado poderá ter que permanecer de branco até o fim do preceito de sua primeira obrigação.

- 147 O uso de roupa de cor para iniciados de Osalá só será flexibilizado para as horas do dia em que estiver trabalhando. A roupa branca deverá ser colocada tão logo se chegue em casa.
- 148 Todos os iniciados no Candomblé devem usar branco na sexta-feira em honra a Osalá e também no dia de seu Orixá. Nesses dias não poderá comer carne vermelha.
- 149 Importante esclarecer que preceito é obrigação do iniciado. Os Orisás jamais impedirão ninguém de quebrar os preceitos. É um voto voluntário do iniciado, por isso os Orisás não interferem em seu cumprimento.
- 150 Todos que estiverem de preceito devem manter a cabeça baixa, mesmo diante dos abiãs. Para os Orisás, levantar a cabeça é ato desrespeitoso.
- 151 Quebra de preceito (iniciação e obrigações) implica, obrigatoriamente, em suspensão da casa (em casos brandos) ou no imediato desligamento da casa (em casos mais graves).
- 152 Yawos que foram iniciados(as) em outras casas e que quebraram o preceito, em princípio, não serão aceitos no Ilê Àse Tobi Obatalá. Trata-se de falta grave e desonrosa. Em casos muito especiais, poderão tomar obrigações e entrar para o Ilê, desde que aceitem ser iniciados novamente.
- 153 Somente os filhos com missão de sacerdócio e com casas abertas receberão Igbasé em suas obrigações de 7 anos. Esse rito envolve custos de salva.
- 154 Todos que estiverem de preceito ou em função devem obedecer as seguintes normas, tanto no terreiro, quanto suas casas.:
- a) abstinência sexual;
 - b) abstinência alcoólica;

- c) não sair a noite;
- d) só usar telefone e internet para fins de trabalho, jamais para lazer;
- e) evitar tocar nas pessoas, abraçar ou apertos de mão;
- f) Permanecer de cabeça baixa;
- g) Uso do branco durante todo o período;
- h) Dormir e sentar-se em esteiras, jamais no alto;
- i) Não dividir esteiras com ninguém, exceto irmãos de barco (em caso de iniciados de kelè);
- j) Alimentar-se com canecas e pratos de ághate até sua obrigação de 7 anos;
- k) Não usar garfo e faca, não comer em restaurantes.
- l) Jamais envolver-se em brigas e discussões;
- m) Não atender porta, caso haja alguém que possa fazer isso.
- n) Alimentar-se adequadamente, evitando os interditos.
- o) Jamais olhar nos olhos do Babalorixá enquanto estiver de kelè.
- p) Não se maquiar, não pintar unhas, não cortar cabelos, não tingir cabelos.
- q) Dormir cedo e acordar cedo.
- r) Durante um ano, não poderá ir a mata, cemitério, necrotério, velório, praia, rios e nem brincar carnaval.
- s) Não andar com a cabeça exposta e nem seu Kelè. Ambos deverão estar protegidos por ojás brancos. Não tomar chuva.
- t) Não estar em áreas expostas ao tempo nas chamadas “horas grandes do relógio”: 06:00h, 12:00h, 18:00h e 0:00h.

Atabaques e instrumentos sagrados

- 155 Não tocar os atabaques de forma leviana. Eles são sagrados.
- 156 Mulheres jamais tocam atabaques, agogôs e xekerès.
- 157 A guarda e cuidado com instrumentos rituais é de total responsabilidade dos Ogans.
- 158 Todos os Ogans devem ensaiar toques e cânticos para seus pares mais novos na família de axé. O interesse em aprender faz o Ogan ser respeitado. O desinteresse faz dele um inútil. Não existe Ogan bom sem esforço.

Hierarquia e educação de axé

- 159 Nunca se interrompe o Zelador quando este estiver conversando com alguém. Caso seja importante, peça agô, espere pacientemente e manifeste-se ao ouvir a palavra “agoyá”.
- 160 Diante do Babalorisá, seja em dia de festa ou em dia de função, é de bom-tom que os filhos se abaixem próximo a ele para dirigir a palavra. Ai então disser “agô”(licença) e esperar a resposta “agoiá”.
- 161 Para falar com mais velhos, Ogãs, Ekejis e autoridades sacerdotais de outros axés, deve-se abaixar-se.
- 162 Os filhos e filhas da casa jamais devem se portar de maneira desairosa no terreiro ou inconveniente, porque do seu comportamento decorre a divulgação e o bom ou mau nome da casa.
- 163 Os filhos da casa não devem passar pelo seu zelador com a cabeça erguida, e sim um pouco curvado.

- 164 Abiãs e yawos não podem se sentar em cadeiras. Sentem-se em banquinhos sempre fora do barracão e em áreas onde não existam igbás de Orixás.
- 165 Ninguém poderá jamais se sentar em soleiras de portas. É ofensivo para com Exu.
- 166 Nenhum filho da casa pode ser descortês, nem com os irmãos do terreiro, nem com visitantes. Mesmo as pessoas mais simples devem ser tratadas como visitas muito respeitáveis, pois elas estão na casa para visitar os Orixás. São convidados dEles.
- 167 Educação de berço será cobrada de todos. Educação de axé será cobrada de todos. Humildade será cobrada de todos. Hierarquia será cobrada de todos.
- 168 Nenhum filho da casa poderá tornar publico os rituais nos quais participarem em caráter de segredo na casa de santo.
- 169 Líquidos e comidas são sempre servidas em bandejas e mesas postas, seja para quem for.
- 170 Os filhos da casa devem colaborar com as listas de compras de cada função.
- 171 Após as festas e funções, os filhos da casa só poderão ir para suas residências depois de a casa estar limpa e organizada.

Roda de Candomblé

- 172 Preferencialmente as mulheres entram nas rodas de Candomblé, salvo quando houver poucas pessoas para compor a roda.
- 173 A fila que dá origem à roda sempre obedecerá a ordem determinada pelo Babá Kekê.

- 174 As abiãs podem participar das rodas de candomblé.
- 175 Todas os(as) ábiãs e yawos devem se abaixar na roda quando houver intervalo entre o canto de um orixá e outro no sirê.
- 176 Sempre que for servir algum mais velho de santo, deve-se levar o pedido numa bandeja ou prato e abaixar-se para servir.
- 177 Não há manifestação de Orisás na primeira parte da roda de Candomblé.
- 178 Informar-se sempre das cantigas específicas que evocam as divindades. Caso ocorra manifestação, as Ekejis devem levar os Orisás para o Sabaji e orientá-los firmemente (com carinho, mas firme) sobre sua inadequação.
- 179 Em dias de saída de yawo, todos devem usar branco absoluto.

VI Punições

- 180 Somente o Babalorixá tem autoridade para advertir administrativamente, suspender, desligar filhos por faltas cometidas e descredenciar casas de axé da linhagem de descendência do Axé Olorigin.
- 181 A dosimetria das punições será decidida somente pelo Babalorixá com base no que for determinado pelo oráculo dos Orixás.
- 182 Não existe recurso para punições. Quem se submeter às normas deste Regimento deverá estar ciente disso.
- 183 São consideradas faltas graves que acarretarão desligamento imediato, sem consulta oracular:
- a) quebra de preceito;

- b) assédio sexual;
- c) prática sexual ou masturbatória dentro do templo;
- d) agressões físicas de qualquer natureza;
- e) agressões verbais, fofocas, desmoralização dos irmãos ou comportamentos correlatos;
- f) uso de drogas ou substâncias ilegais dentro da casa sagrada;
- g) profanações intencionais;
- h) difamação do Babalorixá, de sua família ou do terreiro em si;
- i) roubo/furto dentro ou fora do ilê;
- j) comportamento social degradante para a imagem do grupo, que macule a imagem da casa e de seu egbé.
- k) Utilizarem redes sociais de maneira desrespeitosa, expondo de qualquer forma o sacerdote, o templo e demais membros da família espiritual. Neste caso, além da exclusão do axé, poderá ainda, a juízo das vítimas, ocorrer denúncias policiais e processos judiciais.

VII Recomendações finais

184 Respeite sempre os ritos de outras casas. Não há certo e errado, apenas ritos diferentes entre os axés do Candomblé.

185 Deve-se pensar duas vezes antes de envolver o sacerdote e irmãos mais velhos em determinadas brincadeiras.

- 186 O terreiro é espaço sagrado. Dentro do mesmo não serão tolerados apelidos degradantes, brincadeiras inapropriadas, assédio, bulling ou outras formas de agressão recreativa.
- 187 Caso um filho deseje desligar-se da casa, tudo aquilo que ele comprou para si e para seu Orixá e que de fato lhe pertence lhe será entregue, inclusive seus Igbá-Orixás, materiais de entidades etc. Entretanto, os Otás (pedras sagradas) poderão ser retidos pelo sacerdote se assim ele julgar pertinente, pois é a parte do igbá que pertence à Oxalá. Essa decisão será tomada após consulta oracular.
- 188 A casa recomenda presença frequente de todos. Evidentemente situações justificadas serão comunicadas e, se justas, serão aceitas como motivos para a ausência do filho de giras e/ou funções.
- 189 O zelador cobrará salvas de sua mão para que este valor ajude na manutenção da casa. O valor será por ele definido.
- 190 Todos os filhos e frequentadores devem ter a compreensão que a casa tem custos (impostos, água, luz etc.). Devem então pagar pelo jogo de búzios e manter suas mensalidades em dia. No caso de se tratar de pessoa carente, esse pagamento poderá ser substituído por colaborações na forma de trabalho voluntário na limpeza e manutenção da casa.
- 191 Toda obrigação tem custos que devem ser arcados pelo obrigacionado. O valor deve ser entregue na íntegra ao sacerdote antes de iniciar o ritual.
- 192 Os filhos da casa com missão de sacerdócio poderão solicitar ao Babalorisá que plante o Axé de suas casas após receber seus direitos em obrigação de 7 anos. Nesse caso haverá custos de salva específicos.

- 193 É absolutamente proibido a todos (iniciados e não iniciados) adentrarem o Roncó. Só façam isso se forem convidados pelo(a) sacerdote.
- 194 É absolutamente proibido a todos (iniciados e não iniciados) adentrarem o quarto de Babá Egungun. Só façam isso se forem iniciados e se forem convidados pelo sacerdote.
- 195 É absolutamente proibido a todos (iniciados e não iniciados) adentrarem o quarto de Babá Oxalá. Só façam isso se forem iniciados e se forem convidados pelo sacerdote.

